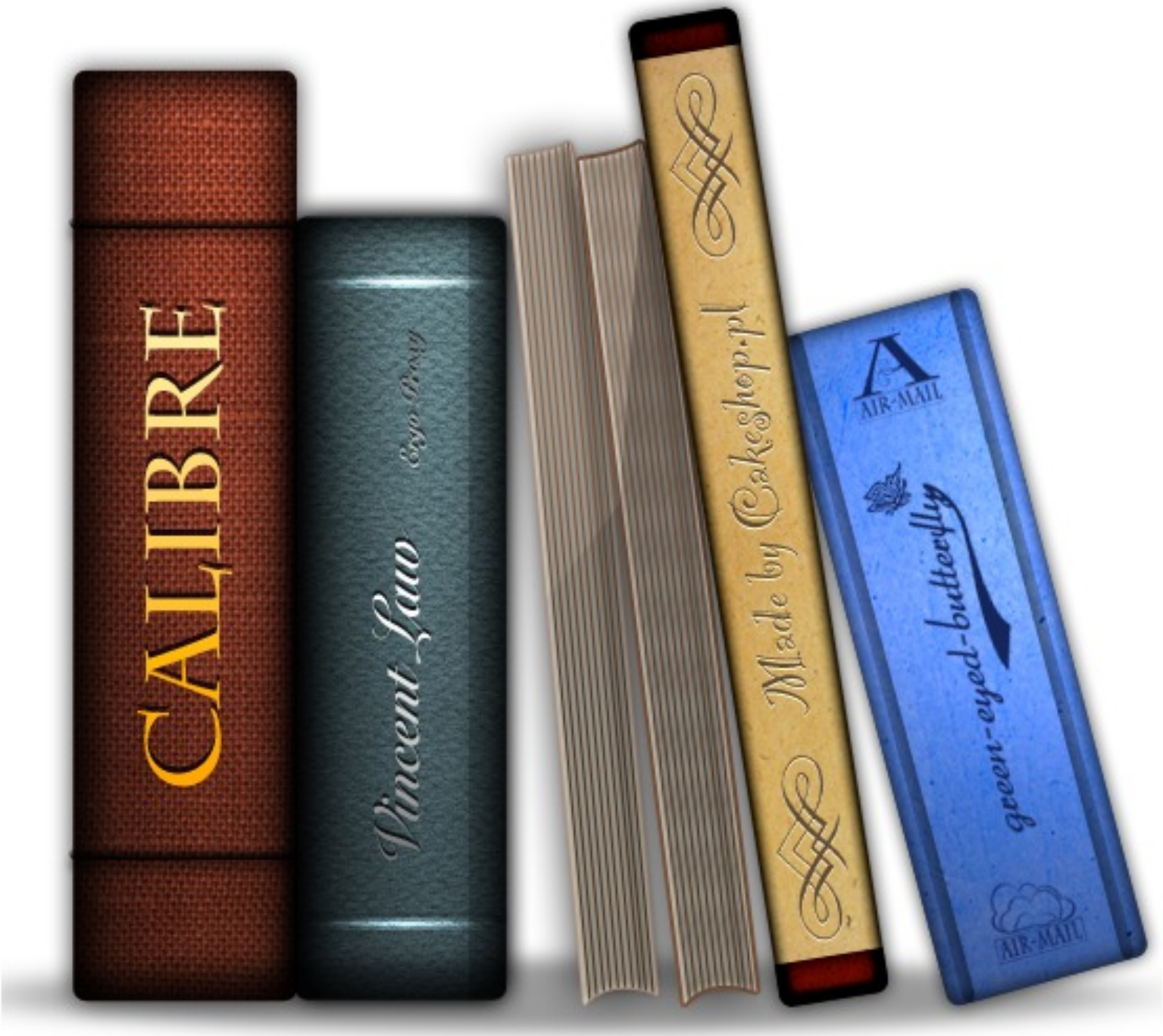
Pistis Sophia

Raul Branco



calibre 0.7.57

PISTIS SOPHIA

(tradução do texto original)

Por *Raul Branco*

PREFÁCIO

A presente edição do texto *Pistis Sophia* (P.S.) é uma tentativa de trazer uma versão completa deste clássico da literatura esotérica mundial ao alcance dos leitores de língua portuguesa.

A tradução foi baseada na versão inglesa, de 1955, de G. R. S. Mead, publicada originalmente em 1921, e confrontada com a versão em inglês de Violet MacDermot, publicada em 1978 pela Editora Brill, a partir do original copto, bem como a versão em português de Vera Mourão, traduzida do texto em francês de E. Amélineau (1895). O texto de Mead, por sua vez, era uma tradução da versão em latim de Schwartze, publicada em 1851, com as melhorias introduzidas pela versão de Carl Schmidt (1905) em alemão, considerada por quase todos os estudiosos como uma das melhores traduções do original em copto. Tanto a obra de Mead como a de MacDermot usam a editoração de Carl Schmidt.

O texto em copto é corrido, sem divisões por capítulos ou assuntos. Resolvemos adotar também a divisão em capítulos introduzida por Schmidt e os subtítulos dos assuntos introduzido por Mead, que não foi adotado por MacDermot. Assim, os números que aparecem em negrito no início de alguns parágrafos referem-se aos capítulos, e a frase em letras menores em itálico às ementas. As palavras apresentadas entre colchetes [] foram introduzidas pelos tradutores originais, e as apresentadas entre parenteses ( ) pelo tradutor desta versão em português.

Com o objetivo de facilitar o entendimento e a interpretação dos ensinamentos do Mestre, houve a preocupação de expressar-se o espírito do texto sem o apego estrito à sua forma. Por isto, para facilitar a leitura, foram introduzidas algumas simplificações editoriais. Por exemplo, foi eliminada a expressão arcaica „E aconteceu que quando", usada no início de vários parágrafos introduzindo as palavras de Jesus e dos discípulos. Frases com expressões repetitivas, por exemplo: „Este mistério sabe porque o sol surgiu e este mistério sabe porque a lua surgiu" foram unificadas: „Este mistério sabe porque o sol e a lua surgiram".

Um aspecto peculiar e inovador desta versão, é a inclusão de elementos facilitadores ao entendimento do leitor, na “Introdução” e no próprio texto, aí por meio de notas de rodapé, que oferecem interpretações de vários termos técnicos e de expressões mais veladas. Parte destas notas foram retiradas de comentários feitos ao texto por Helena P. Blavatsky em anotações publicadas em seus *Collected Writings*, volume XIII; estas notas de Blavatsky aparecem com a notação: (HPB). As outras foram introduzidas pelo tradutor e, portanto, não têm indicação específica de fonte. Espera-se que estas notas explicativas permitam ao estudante dedicado avançar com mais facilidade em seu estudo interpretativo e vivencial deste clássico dos ensinamentos esotéricos de Jesus. Um quadro e duas notas mais extensas de HPB foram incluídos como anexos, bem como a introdução de Mead à sua tradução para o inglês, uma bibliografia e uma apresentação sumária do escopo da gematria (numerologia) como instrumento para a interpretação do texto de P.S.

Este livro, como todo verdadeiro trabalho esotérico, é o resultado de um esforço grupal, com diversas pessoas contribuindo, de uma forma ou outra, para a interpretação do texto e a melhoria de sua apresentação. Dentre estas

destaca-se meu bom amigo Edilson A. Pedrosa, revisor da obra, incansável perfeccionista, virtual co-autor do trabalho, e também Alfredo Puig, Regis Alves de Souza e Marly Ponce Branco. Como todo trabalho esotérico apresenta vários véus, e sua interpretação só amadurece após repetidas tentativas de estudo e meditação sobre o texto, estamos conscientes de que os comentários sugeridos na introdução e nas notas ao texto são apenas de caráter preliminar, devendo ser revisados por ocasião de uma futura reedição. Assim, convidamos os estudiosos que porventura tenham algo a acrescentar ou modificar na obra atual a enviar seus comentários, críticas e sugestões para o autor destas linhas, a cargo da editora.

O estudo da obra poderá ser facilitado se o leitor: iniciar com um recolhimento interior procurando entrar em sintonia com o Mestre; tiver em mente que cada personagem da estória representa um aspecto da constituição do homem e que cada plano é um reflexo do plano que lhe é superior; levar em conta que a estória é contada do ponto de vista espiritual da alma e não da personalidade e, portanto, extrapola as limitações do tempo (é atemporal); e fizer referência ao Esquema Cosmológico de Pistis Sophia apresentado na Introdução, para localizar a posição hierárquica dos personagens da estória.

Devemos lembrar que uma importante virtude do verdadeiro discípulo é a determinação, como bem o demonstra a heroína de nossa estória. Assim, o estudante de Pistis Sophia não deve desanimar, principalmente nas primeiras vinte ou trinta páginas que parecem ser (propositadamente) as mais difíceis. Aqueles que persistirem verão que, ao longo do texto, a mensagem de Jesus começará a falar silenciosamente em seu coração, com seu „Ser de Luz", e uma compreensão transformadora passará a agir em seu interior.

Brasília, 1997

Raul Branco

INTRODUÇÃO

INFORMAÇÕES INICIAIS

O manuscrito conhecido como Pistis Sophia (P.S.), merece ser considerado por todo estudante sério dos ensinamentos ocultos de Jesus e pelos pesquisadores de religião comparada. Pois, como será visto mais adiante, as lições ali transmitidas têm muitas semelhanças com as encontradas no Tantra Budista e na Vedanta, mormente nos seus aspectos mais velados. Esta correspondência entre os ensinamentos das diferentes tradições é observada por Blavatsky, que sugere ao estudioso: “Leia Pistis Sophia à luz do Bhagavad Gitâ, do Anugita e de outras escrituras; e, então, os ensinamentos de Jesus no Evangelho gnóstico (P.S.) se tornarão claros, desaparecendo incontinente os véus do texto literal.”i Ademais, as maiores autoridades do primitivo cristianismo têm acentuado que P.S. constitui-se num dos mais importantes monumentos do gnosticismo, às vezes reconhecido como o próprio cristianismo primitivo, mercê da profundidade, beleza e inspiração de seus ensinamentos, que contam também com a vantagem de provirem, em primeira mão, dos próprios gnósticos e não de extratos de obras de seus detratores.

Como será visto, a obra, devidamente interpretada, oferece a comprovação cabal de alguns fatos anteriormente sugeridos por outros estudiosos. Primeiramente, a cosmologia de Pistis Sophia é mais rica e abrangente do que a apresentada pelas diferentes escolas gnósticas conhecidas, inclusive a de Valentino. Este esquema cosmológico não deixa nada a desejar às versões sugeridas

pelas escolas orientais. Ao contrário, oferece detalhes sobre as funções das entidades macrocósmicas e de seus reflexos microcósmicos (os princípios do homem) nem sempre explicitadas por essas escolas. Em segundo lugar, o entendimento da cosmologia de P.S. e a correspondência numerológica de inúmeras expressões em grego, abrem uma nova era para o estudo dos textos mais esotéricos da Bíblia, especialmente o Evangelho de João e o Apocalipse, infelizmente tão pouco compreendidos. Em terceiro lugar, a apresentação dos princípios do homem, no contexto da peregrinação da alma assediada por seus princípios inferiores, confirma o que Jung já havia declarado, ou seja, que os textos gnósticos eram profundos tratados de psicologia. Jung chegou a declarar que havia encontrado nestas fontes a inspiração para grande parte de seus „insights" reveladores sobre a psicologia humana.

Finalmente, P.S. comprova que existe uma profunda semelhança entre os ensinamentos de Jesus e Buda. A ênfase dada à compaixão pelos dois mestres é conhecida de todos. Porém, P.S. revela um nível de paralelismo pouco conhecido: a salvação da alma está diretamente ligada à transformação dos estados mentais; o homem é prisioneiro do caos (as perturbações da mente condicionada pelo mundo material) devido à ignorância e só pode alcançar a libertação através da renovação de sua mente, culminando na integração de seus princípios inferiores e superiores. Esta linguagem, aparentemente budista, faz parte dos ensinamentos de P.S.

Grupos de estudiosos das doutrinas esotéricas de Jesus sugerem que o códice foi elaborado a partir da compilação de reminiscências de ensinamentos de Jesus captados diretamente por seus discípulos, que teriam sido transmitidos após a sua morte, quando o Mestre estaria, então, revestido de um corpo sutil. Aliás esta revelação

encontra-se expressa no próprio texto. É quase certo que os ensinamentos originais foram ministrados em aramaico, a língua corrente na Palestina na época em que Jesus predicava. É provável também que, em virtude de circunstâncias históricas, o livro que resultou desses apontamentos originais, acrescidos do registro de recordações e dados posteriores adicionados pelos apóstolos, tenha sido escrito em grego, a língua culta da época. Esta tese da compilação do texto em grego é reforçada pelas extensas correlações do valor numérico de palavras e expressões em grego, que oferecem uma chave adicional para a interpretação de vários aspectos dos ensinamentos nele contidos. Mais tarde, uma versão grega foi levada para uma das comunidades esotéricas gnósticas do Alto Egito, tendo sido transladada para o copto, a língua local da época. Finalmente, esta última versão, que a divina providência houve por bem conservar, chegou até nós. Desta forma, a versão atual em português, transposta do inglês, já seria a quinta na cadeia lingüística de transmissão.

Em sua introdução à obra, Mead sugere que a teoria mais aceita pelos eruditos é a de que o texto original teria sido composto em grego e elaborado em data ou datas que variam entre a primeira metade do século II e a segunda metade do século III de nossa era. As autoridades seculares fixaram-se nesta premissa porque a versão encontrada em copto contém indicações lingüísticas muito evidentes de que procedeu de um original grego. Quanto à data de composição e à seita de onde procederia, os estudiosos tateiam na escuridão, trabalhando apenas sobre hipóteses e sem nenhuma evidência mais firme, inclinando-se na sua maioria a atribuírem o texto a Valentino ou a membros de sua Escola, daí porque teria sido escrito em meados do segundo século. Blavatsky, porém, não concorda com esta maioria: “Pistis Sophia é um documento de extrema importância, um autêntico Evangelho dos gnósticos,

atribuido por acaso a Valentino, sendo, porém, muito mais provável que seja uma obra pré-

cristã quanto ao seu original. A obra é autêntica e devia ser tão canônica como qualquer outro Evangelho.”ii

É provável, no entanto, que a totalidade do códice não tenha sido coligida por um único autor, nem na mesma época, pois, o estilo da narrativa dos Livros III, IV, V e VI difere do estilo dos dois primeiros livros. No Livro III existe citação de uma passagem de Paulo por Maria Madalena. Ora, como Paulo foi posterior a Maria Madalena, este não poderia ter escrito sua epístola aos Romanos (da qual a citação é retirada) quando Jesus ensinava aos seus discípulos. É provável que os citados quatro Livros tenham sido coligidos mais tarde, a partir da tradição oral, ocasião em que algum material pode ter sido acrescentado pelo autor ou autores

Em *Pistis Sophia* estão montados três magníficos cenários: (1) a situação de Jesus após a ressurreição e ascensão e seu posterior retorno glorioso do alto para continuar a instrução de seus discípulos; (2) o mito de Sophia; e (3) outros ensinamentos na forma de diálogos de Jesus com seus discípulos, muitos dos quais relacionados à cosmologia.

O grande segredo das apresentações cosmogônicas é que descrevem simultaneamente o macro e o microcosmo. Este último aspecto é a história oculta do homem como arquétipo e deságua no grande oceano da peregrinação da alma, que deve mergulhar na matéria, onde fica prisioneira por incontáveis

„eons", ou eras, até ser resgatada pelo Salvador. O mito de Sophia representa a última etapa da cosmogonia, ou seja a da redenção de Pistis Sophia, que é ao mesmo tempo uma entidade macrocósmica e o símbolo da alma humana. A

estória de Sophia, portanto, traça, em linguagem velada, as etapas da „queda" e da „salvação" da alma, sendo esta última descrita como os arrependimentos, ou súplicas, de P.S. Nos treze arrependimentos iniciais e nas invocações subsequentes estão simbolizadas as condições necessárias para a progressiva ascensão da alma, em suas cinco principais etapas, que correspondem às cinco grandes iniciações, até sua libertação final e retorno ao lugar de origem.

Esta volta à situação inicial de glória na luz divina é comum a outras cosmogonias, embora mais simplificadas, da tradição cristã, quais sejam, a parábola do Filho Pródigo e o Hino da Pérola. Na primeira,iii o Filho Pródigo, depois de dissipar sua parte da herança, forçado a tratar de porcos para sobreviver, finalmente percebe a situação degradante em que se encontra e decide retornar à Casa, onde é recebido com grande festa. Com sua generosidade magnânima, o Pai manda vesti-lo com a melhor roupa e entregar-lhe os símbolos de poder: as sandálias, que o capacitarão a trilhar o próximo ciclo de manifestação, e um anel, indicativo da conclusão bem sucedida deste ciclo. No Hino da Pérola,iv um jovem nobre é enviado por seu Pai a uma terra distante, o „Egito" (símbolo da matéria), devidamente equipado, para obter um tesouro valioso. Depois de muitas peripécias e perigos, consegue finalmente apossar-se da pérola preciosa da „gnosis" guardada pela serpente feroz, símbolo dos desejos e das paixões animais, retornando ao Reino do Pai onde recebe sua Veste e Manto de Luz, bem como os tesouros que havia deixado para trás ao iniciar a jornada. Em ambos os casos a estória tem como objetivo mostrar que o ciclo deve ser completado, com o herói voltando ao ponto de partida, numa volta mais elevada da espiral do progresso infinito. Este herói nada mais é do que a alma humana que cumpriu sua missão de acordo com o Plano Divino.

Diz a tradição que P.S. é um texto esotérico para treinamento de discípulos. Este tipo de treinamento implica no desenvolvimento do discernimento e, principalmente, da intuição. Um dos métodos utilizados para este fim é o estudo de textos com importantes ensinamentos velados. Este procedimento era conhecido pela Igreja primitiva. Por exemplo, Clemente de Alexandria, o padre da Igreja iniciado nos mistérios, já indicava a atitude que o verdadeiro buscador devia adotar: „Sabendo que o Salvador não ensina nada de uma maneira meramente humana, não devemos ouvir seus pronunciamentos de forma carnal; mas com a devida investigação e inteligência, devemos buscar e aprender o significado oculto neles".v

O estudante deve procurar absorver esses ensinamentos, levando-os à caverna do coração, em meditação, para extrair o seu significado mais profundo. Este exercício de estudo e meditação vai se configurando, aos poucos, como um „quebra-cabeça". Na medida em que consegue colocar as peças em seus devidos lugares, um segredo maravilhoso vai se descortinando progressivamente aos olhos. E

este segredo, diz a tradição, seriam as própria chaves para ingressar no Tesouro de Luz de que fala o texto (o Reino dos Céus dos evangelhos sinóticos e a Vida Eterna do Evangelho de João).

Porém, a maior parte das pessoas que tenta estudar *Pistis Sophia* acaba desistindo, em virtude das dificuldades apresentadas pela terminologia pouco usual, mesmo dentro da literatura gnóstica conhecida. Ademais, o documento em exame inicia a estória de Sophia de uma maneira que parece pressupor que o leitor esteja familiarizado não só com a nomenclatura, mas, principalmente, com a cosmologia que Jesus ensinou a seus discípulos.

A dificuldade de entendimento do texto é responsável por algumas referências depreciativas de alguns eruditos.vi Felizmente esta não é a opinião de todos eles. Em meados do século passado, um grande estudioso do gnosticismo, C. H. King, escreveu sobre Pistis Sophia, com grande percepção, dizendo: „Este sobrevivente (da literatura gnóstica) apresenta um caráter tão estupendo e maravilhoso que, se a fortuna tivesse permitido a nossa escolha, não poderíamos ter preservado um representante mais característico de sua espécie. Pistis Sophia lança mais luz sobre os atuais monumentos do gnosticismo do que poderia ser coletado de todos os outros escritores juntos".vii A maior parte das dificuldades apresentadas pela terminologia e pelo esquema cosmológico da obra não são insuperáveis. No século passado, Blavatsky forneceu um grande número de peças do quebra-cabeça. Com base em estudos e meditações sobre o material existente a que tivemos acesso e principalmente às notas de Blavastky, sugerimos algumas considerações que talvez possam ajudar outros buscadores em seus esforços para levantar progressivamente o véu que encobre o Mito de Sophia. Oferecemos, porém, estas interpretações alertando os leitores para o seu caráter especulativo; somente as notas de Blavastky têm o peso da autoridade de quem alcançou a verdadeira „gnosis".

Deve-se estar atento, outrossim, para o fato de que existem vários níveis de simbolismo e, portanto, de ensinamentos. Isto significa que, somente quando transpõe-se um portal simbólico de entendimento, capacita-se a prosseguir a jornada rumo a níveis mais profundos da „gnosis".

HISTÓRIA DO CÓDICEviii

Pistis Sophia é um manuscrito em copto, o dialeto *sahídico* do Alto Egito, dos primeiros séculos de nossa era, na forma de um livro encadernado, contendo cento e setenta e oito

folhas de pergaminho, medindo aproximadamente 21 x 16,5 cm, compiladas em cadernos. Está escrito em duas colunas de trinta a trinta e quatro linhas cada uma, tendo sido copiado por dois escribas com grafias bastante diferentes, permitindo claramente sua identificação. O material está em excelente estado de conservação, porém, oito folhas foram perdidas: as quatro últimas e quatro do meio.

O texto propriamente dito está dividido em seis „livros". A estória de *Pistis Sophia* inicia-se no capítulo 30 do „primeiro livro" e termina no capítulo 82 no „segundo livro". A partir deste ponto os ensinamentos de Jesus são apresentados na forma de diálogos com seus discípulos, destacando-se a presença de Maria Madalena, claramente o discípulo mais avançado do grupo.

O material, quando foi encontrado, não tinha nenhum título aparente e ficou conhecido como o Códice Askew, nome de seu primeiro proprietário ocidental, que o deu a conhecer ao mundo. O título *Pistis Sophia* foi sugerido para o documento pelo fato de o „segundo livro" começar com o seguinte título: *O Segundo Livro de Pistis Sophia*. Outro título é apresentado em outras partes do documento: *Uma Parte dos Livros do Salvador*, que figura na página final do „segundo livro" e também na última página do „terceiro livro". Os livros quatro, cinco e seis não apresentam nenhum título; no caso do último livro, talvez pelo fato das últimas quatro folhas do manuscrito estarem faltando, justamente aquelas onde, muitas vezes, se encontravam os títulos das obras coptas.

A história da origem do documento é um tanto vaga. O texto é certamente uma cópia, provavelmente feita entre o quarto e o quinto século, partindo de uma versão em grego (várias palavras técnicas permaneceram em grego no texto). Não se sabe onde o documento foi encontrado, nem como ou por

quem foi levado à Inglaterra. Neste país foi adquirido pelo médico inglês A.

Askew, colecionador de manuscritos antigos, provavelmente em 1772. O manuscrito, após a morte do Dr. Askew, foi vendido ao Museu Britânico. As primeiras informações sobre o texto foram divulgadas por C.G. Woide, que o estudou, a pedido do Dr. Askew, e sugeriu o título que perdura até hoje, escrevendo algumas notas a respeito, aproximadamente vinte anos após a aquisição de Askew.

Uma pequena parte do texto (as cinco Odes de Salomão) foi traduzida e publicada por um bispo dinamarquês, F. Munter em 1812. Segundo V. MacDermot, uma cópia do texto integral foi efetuada por um estudioso francês, E. Dularier, mas jamais chegou a ser publicada, e encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris.

Somente em meados do século XIX, apareceu a primeira tradução do texto completo de P.S., efetuada por M.G. Schwartze e publicada após a sua morte. Foi uma obra monumental para a época, com a transcrição do texto e uma excelente tradução para o latim, publicada em 1851. A primeira tradução para uma língua viva ocidental foi feita pelo egiptologista E. Amélineau, erudito da língua copta, que publicou uma tradução para o francês em l895. Mead, que já havia estudado o texto em latim, desgostoso com a tradução de Amelineau, apresentou uma tradução para o inglês da versão em latim de Schwartze, em 1896.

Em 1905, apareceu outra versão, desta vez em alemão, produzida pelo estudioso C. Schmidt a partir do original copto, que é até hoje considerada como uma obra prima. Mead, então, fez uma revisão de sua primeira versão, levando em consideração a tradução de Schmidt, adotando também a editoração apresentada por aquele autor, que

passou a ser a editoração usual para a obra. A nova versão em inglês de Mead foi publicada em 1921 e reeditada em 1947, 1955, 1963 e 1984.

Uma nova versão em inglês foi publicada em 1978, desta vez por Violet MacDermot, a partir do original copto. Esta versão moderna beneficiou-se do acúmulo de conhecimento sobre a língua copta decorrente do esforço concentrado de dezenas de eruditos de todas as partes do mundo, que se debruçaram por muitos anos na grande obra de tradução da biblioteca de Nag Hammadi, encontrada no Alto Egito em 1945.

JESUS INSTRUI OS DISCÍPULOS APÓS SUA RESSURREIÇÃO.

A primeira parte do texto é especialmente tocante, pois descreve a situação de Jesus após sua ressurreição dos mortos, enquanto estava instruindo seus discípulos no Monte das Oliveiras, e sua subsequente ascensão gloriosa e retorno ao convívio dos discípulos. Esses fatos são extremamente importantes para o estudante. Jesus permanece por um período de 11 mesesix instruindo seus discípulos num corpo sutil, após seu retorno dos mortos.

Uma cena gloriosa é descrita: Jesus sobe ao Monte das Oliveiras com seus discípulos -- a subida a um monte é geralmente usada como símbolo da elevação de consciência que antecede os grandes ensinamentos -- e, de repente, em meio a trovões e terremotos, ascende aos céus numa luz fulgurante que ofusca seus discípulos. Depois de 30 horas, Jesus retorna ao seio dos discípulos envolto em três Vestes de Luz, reluzindo de forma ainda mais brilhante do que quando havia subido aos céus. A data daquele acontecimento é reiterada como sendo a lua cheia de Thebet, ou seja, a lua cheia de maio, coincidente com o

Festival budista de Wesak, reconhecidamente o período do ano em que as energias são mais propícias para o contato interior e para as grande iniciações.

As declarações de Jesus, após o seu retorno do Alto, de que tinha agora permissão do Primeiro Mistério para revelar tudo aos seus discípulos, diretamente e sem parábolas, parecem confirmar que, durante as trinta horas em que ascendeu aos céus, havia recebido uma grande Iniciação, que lhe concedia o poder para revelar o que antes só podia ser abordado de forma ainda mais velada. Sua descrição do assombro dos regentes dos planos inferiores, ao vê-lo em sua Veste de Luz, é indicativa dos novos poderes que lhe haviam sido conferido e do estágio elevado que havia atingido.

O MITO DE SOPHIA

Por que Jesus nos transmite ensinamentos tão profundos através de um mito? Obviamente porque esta é a forma tradicional mais apropriada para ministrar este tipo de ensinamento transformador.

Enquanto o conceito popular corrente de mito está carregado da conotação de fantasia ou mesmo de inverdade, para os antigos o mito era uma forma de expressão quase sagrada de uma experiência interior que, por sua profundidade, abrangência e atemporalidade, era idealmente transmitida através desta simbologia. Portanto, por trás de um mito há sempre uma importante experiência interior.x Ao demandar um esforço de concentração e interiorização para compreender o sentido último da realidade velada por trás dos símbolos, a linguagem metafórica do mito induz àqueles que entram em contato com ela a reprodução daquela experiência inicial. A realidade, no entanto, apresenta-se hierarquizada e consiste de diferentes níveis. Os mitologemas procuram expressar diferentes níveis da realidade simultaneamente. As considerações sugeridas nesta introdução e nas notas de rodapé subsequentes do texto, são, quanto muito, um desvelar parcial da rica realidade contida no mito. É com este sentido de busca do sagrado que procuramos abordar o mito de Sophia, com a plena consciência de que estamos apenas levantando a ponta do véu.

No decorrer do relato é apresentado um glorioso cenário cosmológico que nos permite vislumbrar o processo de manifestação, com a descida do Espírito até o ponto mais baixo da materialidade quando, então, se torna possível a

viagem de retorno, ou seja a volta da alma às suas origens, a Fonte Única, o Pai.

Deve-se ter em mente que a tradição esotérica geralmente usa a simbologia cosmológica como um método para a transmissão de ensinamentos sobre a natureza do homem, de acordo com a lei das correspondências tornada conhecida pela tradição hermética: „O que está em baixo é como o que está em cima; o inferior é como o superior". Portanto, o que é apresentado como sendo conhecimento sobre o Divino está voltado para o desvelar do conhecimento da verdadeira natureza do homem. Jesus deixa claro que tipo de conhecimento devemos procurar quando diz: „Pois aquele que não conhece a si mesmo não sabe nada, mas aquele que conheceu a si próprio alcançou simultaneamente o conhecimento sobre a Profundidade do Todo".xi

O objetivo do mito

As ações de um Mestre têm sempre objetivos mais amplos do que conseguimos perceber. Vimos que a forma em que o texto é apresentado tem um importante valor pedagógico, servindo como instrumento para o desenvolvimento do discernimento e da intuição nos discípulos. Porém, seu objetivo maior é, sem dúvida, a transmissão de seu conteúdo, a instrução sobre a meta final de todo ser humano, ou seja, o retorno da alma à Casa do Pai. As instruções revelam, ainda que de forma velada, os passos que devem ser tomados por todo aquele que decide trilhar a Senda da Perfeição, que leva à libertação final da alma.

A Senda é simbolizada pelos arrependimentos de Pistis Sophia por ter pecado ao deixar sua região de origem sem seu par. Com seus arrependimentos P.S. vai vencendo progressivamente os apegos às coisas do mundo, reorientando sua mente da gratificação de sua natureza inferior para o mundo da realidade, o mundo Luz.

Os dois principais personagens do mito são o próprio Jesus e Pistis Sophia. O papel de Jesus parece mudar a todo instante. Num determinado momento ele é o Mestre, ministrando instruções a seus discípulos, descrevendo as aventuras e desventuras de Pistis Sophia. De repente, ele passa a ser um co-protagonista da estória, atuando em diferentes níveis, ajudando Pistis Sophia a sair do caos.

Neste caso, Jesus simboliza a natureza superior tríplice do homem, enquanto Pistis Sophia simboliza a unidade de consciência da natureza inferior, a alma. A natureza superior, Jesus, é o salvador da natureza inferior. Porém, os dois fazem parte de uma mesma unidade, e a salvação da

alma ocorre simultaneamente com a glorificação da individualidade.

O nome „Pistis Sophia" é uma importante chave para o entendimento de seu papel no mito. Como nos alerta HPB em seus comentários, Pistis e Sophia são os nomes do primeiro e do último eons femininos da „Dodecada"xii (os outros quatro eons são: Esperança, Amor, Compreensão e Felicidade).

„Pistis", em grego, significa fé, mas não fé cega e sim a fé, ou total convicção, advinda do conhecimento direto (revelação interior). „Sophia", por outro lado, significa sabedoria. Portanto, é possível que o nome composto „Pistis Sophia," utilizado para representar o arquétipo da alma enviada em peregrinação aos mundos inferiores, esteja indicando o princípio fundamental (a fé na Luz do Alto) que capacita a alma a realizar sua missão e o fim último desta missão, a obtenção da sabedoria dos dois mundos (material e espiritual).

Como a fé,xiii „pistis" é o fator fundamental que assegura a vitória final da alma, este conceito merece ser examinado com mais atenção. Alguns leitores já poderão estar questionando esta premissa, argumentando que a fé vem sendo preconizada há quase dois mil anos pela Igreja como a virtude fundamental do cristão, sem que isto tenha alcançado os resultados esperados: tornar os „fieis"

verdadeiros exemplos de seguidores do Cristo, manifestando „sophia", a sabedoria das almas iluminadas e, portanto, salvas. Isto explica-se pelo fato de que a fé preconizada pela ortodoxia é uma fé **passiva**, na verdade uma crença e não a verdadeira fé . O fiel é instado a crer no nome de Jesus, que ele é o Filho Unigênito de Deus vindo ao mundo para nos salvar na Cruzxiv. Esta crença, se é por um lado bastante

reconfortante para o coração do devoto, tem como conseqüência a geração de um mecanismo vicioso de projeção psicológica. O fiel sente que o Filho de Deus já fez tudo o que é necessário para salvá-lo, e que basta agora ele „crer" e não mais pecar (mas se pecar poderá sempre se arrepender até o último minuto antes de morrer). Esta fé não incita necessariamente o fiel a buscar sua transformação interior, trilhando o árduo Caminho da Perfeição.

A verdadeira fé, fator primordial na salvação de P.S. é uma fé **ativa**. É a fé na Luz do Alto, ou seja, na natureza divina de todos os seres. Assim, o fiel sabe que seu salvador está sempre a seu alcance ansiando por se manifestar, pois está dentro de si mesmo. Este estado de consciência faz com que passe a aspirar com toda a força de seu ser a alcançar aquela Luz, fazendo tudo o que for necessário para isto. A verdadeira fé, portanto, é o princípio que induz à busca de todos os meios para alcançar o fim desejado, a sabedoria.

O maravilhoso hino de Paulo à caridade, em que conclui:"Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, estas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade", xv está em sintonia com os ensinamentos de P.S. A fé é o impulso básico da alma, que a leva a aspirar à Luz do Alto. Quando isto realmente ocorre, o indivíduo compreende que tem que se **transformar**, transcendendo a separatividade e conquistando o egoísmo. Isto leva necessariamente à expressão da verdadeira natureza divina que é o AMOR, o qual se expressa no mundo como caridade.

Este ensinamento inerente de Pistis Sophia, que a fé leva à sabedoria, está em consonância com a tradição budista *mahayana* das virtudes da sabedoria (*Prajnaparamitas*). No budismo, as seis virtudes (*paramitas*) ainda que apresentadas como interdependentes, dão a clara indicação

de que as cinco primeiras são o caminho para alcançar a última, o objetivo máximo do homem, a sabedoria (prajna).

No esoterismo cristão, a fé (pistis), em seu sentido mais amplo, é a mola propulsora que leva à transformação dos estados de consciência do homem (metanoia), que se expressa no mundo exterior como caridade, comportamento ético, paciência, dedicação entusiástica e concentração, que levam a alma progressivamente à meta final da sabedoria.

A Cosmologia

Apesar de haver algumas semelhanças com outros sistemas cosmológicos gnósticos, o estudante deve ter em conta que a cosmologia de P.S. é única em muitos particulares. Apresenta-se a seguir uma tentativa de sintetização simbólica do processo de manifestação, ou cosmogênese, dentro do esquema de P.S. Lembramos que as tradições cristãs também reconhecem o caráter cíclico da manifestação, através de emanações progressivas do Supremo e valem-se de seus ensinamentos cosmogônicos para apresentar sua soteriologia, que nada mais é do que o caminho de retorno para a fonte primordial de onde iniciou-se a manifestação.xvi A figura 1, oferece, numa forma visual em quatro etapas, uma primeira idéia de como poderia ser entendido o sistema cosmológico da obra.

Figura 1. O INEFÁVEL E O PROCESSO DA MANIFESTAÇÃO

E

E

A

B

C

I C

C I

M

D

M

E

Fig 1a

Fig 1b

Fig 1c

Fig 1d

A manifestação surge do Imanifesto, o Inefável, Incognoscível, que reina em Silêncio na Profundidade, por incontáveis eras antes da manifestação. Este período de repouso extremamente longo do Inefável é chamado de *Pralaya* na Vedanta. É simbolizado pelo círculo mitológico que tem seu centro em toda parte (encontra-se no cerne de tudo que existe) e sua circunferência em parte alguma (o Infinito), (Fig. 1a).

Num determinado momento o Inefável decide manifestar-se. Como primeiro passo da manifestação aparece, então, a aparente dualidade de Espírito e Matéria, simbolizada pelos círculos E

e M, (Fig. 1b). Esta dualidade é aparente porque Espírito e Matéria são, na verdade, os pólos opostos da Substância Una Universal. Como tangenciam o Círculo Infinito do Inefável, são, também, infinitos.

A terceira etapa é o aparecimento da Mente (Fig. 1c), simbolizada pelo terceiro círculo entrelaçando os dois anteriores, servindo como ponte entre Espírito e Matéria. A Mente é o que caracteriza o Homem. Sua natureza é parte espiritual e parte material. A intermediação da Mente, com a interação de Espírito e Matéria, gera a Consciência.

Lembramos ao leitor que, na verdade, os elementos superiores estão no interior, no cerne, de todas as coisas, interpenetrando os planos inferiores. Existem, no entanto, certos limites para a atuação, ou consciência das entidades, que nos mitologemas gnósticos eram referidos como „horos". As circunferências dos três círculos simbólicos representariam, portanto, estes limites.

Deste processo cosmogônico surge o Universo, o Todo. Sua estrutura cosmológica fundamental pode ser visualizada na Fig. 1d, em que a interação da natureza tríplice da manifestação delimita cinco grandes Planos, ou Espaços, que constituem o campo de evolução do ser humano. Estes Planos da Manifestação, do mais sutil ao mais denso são: (A) Plano dos Mistérios do Inefável (Divino); (B) Plano do Tesouro de Luz (Mental Superior); (C) Plano Psíquico (Mental Inferior); (D) Plano Hílico (Astral); (E) Plano Material (Físico). Estes cinco Planos da Manifestação estão envoltos pelo Inefável (I), em seu duplo aspecto Primordial (*Adi*) e Monádico (*Anupadaka*), simbolizado pelas duas áreas laterais na Fig. 1d.

Este cinco planos apresentados de forma esquemática na Fig. 1d, refletem a substância de que são compostos. O mais sutil de todos é constituído exclusivamente de substância divina ou espiritual. O

mais denso é constituído exclusivamente de substância material. O segundo de cima para baixo, o Tesouro de Luz, é uma combinação de Espírito e Mente, enquanto o penúltimo, o Plano Hílico, é uma combinação de Mente e Matéria.

O plano intermediário ou do meio, o Plano Psíquico, que aparenta ter exclusivamente substância mental, é na verdade uma interação de todos três elementos, simbolizada

na figura pelo tangenciamento de Espírito e Matéria neste espaço. Por isso, é também chamado em P.S. de „Mistura"

(de luz e matéria). Isto fica claro quando lembramos que Espírito e Matéria não são elementos distintos, ou separados, mas simplesmente os pólos opostos da Substância Universal, que se manifesta através de uma gradação infinita de níveis de sutilidade. Por esta razão foi dito que a segunda etapa da cosmogonia caracteriza-se pela manifestação *aparentemente* dualista de Espírito e Matéria. Tanto os aspectos superiores do homem como os inferiores incluem elementos deste plano intermediário, equivalente ao mental concreto. É neste plano que se encontra o centro de consciência do homem, na atual etapa da evolução, que no texto é representado pela própria alma (Pistis Sophia) agindo como ponte entre o espiritual e o material.

Para que a narrativa possa ser compreendida, é necessário ter sempre em mente que o processo de criação, tanto nos mundos da luz como nos mundos da matéria é, na verdade, um processo de emanação. A emanação é diferente do que concebemos como criação na Terra, em que o criador utiliza materiais disponíveis e cria algo fora de si, ou seja, criador e criatura são totalmente distintos.

Na emanação a entidade que deseja se manifestar num plano inferior „projeta" a sua luz, ou essência, neste plano. Esta essência é, então, envolvida pela matéria deste plano, o que causa limitação de consciência da entidade emanante, que adquire, assim, uma individualidade, ou consciência nova, apesar de permanecer a mesma essência. Este é o mistério da Unidade de todos os seres: somos emanações, projeções, ou raios da Luz Suprema e, por conseguinte, somos também parte de todas as entidades, ou forças, que se encontram nos diferentes planos da

manifestação, pois fomos de certa forma „emanados", ou „formados", com sua substância.

Para facilitar o entendimento do sistema, apresentamos adiante quadro com o esquema cosmológico de P.S, preparado a partir das notas de Blavatsky. Com ele, o leitor terá mais facilidade para efetuar o estudo do texto, podendo situar as diferentes entidades que vão sendo apresentadas, geralmente sem maiores comentários, dentro de sua posição relativa nos planos cosmológicos.

Vale mencionar que a ciência oculta reconhece a existência de sete planos do Todo, que se constituem em estados de matéria de diferentes graus de densidade, ou sutilidade, sendo o mais grosseiro o estado físico denso. Este progressivo aumento de densidade, à medida que a manifestação se processa do centro para a periferia, ocorre não só de um plano para o outro, como também dentro dos próprios planos. Isto fica claro no texto quando Jesus descreve sua subida ao alto, indicando que brilhava 49 vezes mais forte cada vez que chegava à região de uma nova entidade, ou seja, que ao ascender um subplano com suas sete divisões, cada qual com sete subdivisões (7 x 7 = 49), o brilho da luz interior aumentava a cada nível de matéria transposto. Cada um desses planos da manifestação é o campo apropriado para atuação de certas forças, entidades, estados de consciência ou poder perceptivo.

As seis divisões distinguidas em P.S. estão em perfeita correspondência com os sete planos de manifestação definidos na filosofia vedantina e adotados na nomenclatura teosófica. Em ambas as tradições, os planos da manifestação ou de evolução do homem são cinco; os outros são planos da Fonte Una imanifesta.

A COSMOLOGIA DE PISTIS SOPHIA

O INEFÁVEL (não manifestado)

O Interior dos Interiores (*ADI e ANUPÂDAKA)*

Os Membros, ou Palavras do Inefável

A 12ª Hierarquia (última ordem dos Sem-pais, ou Mônadas)

OS MISTÉRIOS DO INEFÁVEL (PLANO DIVINO: ATMICO E BÚDICO)

1º Espaço do Inefável, ou O Mistério do Inefável (a Palavra Una, ou *LOGOS*) 3 Poderes Tríplices, cada um contendo 5 Árvores e 24 Mistérios, ou Espaços 2º Espaço do Inefável, ou 1º Espaço do Primeiro Mistério (*ATMA*) o Primeiro Mistério Voltado Para Dentro, (Princípio Supremo do Perdão dos Pecados)

com 12 Hierarquias cada uma consistindo de 3 Classes e 12 Ordens 3º Espaço do Inefável, ou 2º Espaço do Primeiro Mistério (*BUDDHI*) o Primeiro Mistério Voltado Para Fora; o Primeiro Mistério que é o 24º Mistério O Primeiro Preceito (o Revelador) (contendo 7 Mistérios)

As 5 Impressões (Tipos ou Rudimentos)

A Grande Luz das Luzes

Os 5 Auxiliares

TESOURO DE LUZ, PLEROMA , HERANÇA DA LUZ (MANAS

SUPERIOR)

Região da DIREITA

IEU (Sol Espiritual), Supervisor da Luz, 1º Homem, Guardião do Véu MELQUISEDEC

O GRANDE SABAOTH, o Bom:

7 Vozes, ou Améns

5 Árvores

3 Améns

Região do MEIO

O SALVADOR GÊMEO (Criança da Criança)

Região da ESQUERDA

12 Salvadores com 12 Poderes (9 Guardiões de 3 Portais)

PLANO PSÍQUICO, OU MISTURA (MANAS INFERIOR)

Região da DIREITA

Sabaoth, o Bom

5 Regentes Planetários (Sat., Mar., Mer., Vên., Júp.) com 360 Poderes Região do MEIO

Pequeno Iao, o Bom (chamado pelos Eons de Grande Iao)

Virgem de Luz:

7 Virgens de Luz

15 Auxiliares

12 Ministros

Região da ESQUERDA, Região da Retidão, Região do 13º Eon

O Grande Ancestral Invisível e seu par, Barbelô, o Grande Poder

Os Dois Grandes Poderes Tríplices

24 Invisíveis (incluindo Pistis Sophia e seu Par)

O 3º Poder Tríplice = Autocentrado

PLANO HÍLICO, SIDERAL (ASTRAL)

Os 12 EONS

6 Primeiros filhos ou emanações do Autocentrado

Ialdabaoth, Sabaoth-Adamas, Grande Tirano, Poder com Cara de Leão Seus 6 Filhos, os Regentes do Eons Inferiores

A PROVIDÊNCIA

ESFERA

PLANO MATERIAL (FÍSICO)

FIRMAMENTO (*Etérico*)

MUNDO (COSMO) dos Homens

SUBMUNDO: Orcus, ou Amente, Caos e Escuridão Exterior

Isto porque, o Inefável abarca os Planos *Adi* (palavra sânscrita para Primordial, Primevo) e *Anupâdaka* (sem-pais); já nos Mistérios do Inefável estão incluídos os Planos Átmico (de *Atma,* o Espírito Universal, ou Alma Suprema) e Búdico

(a Pura Luz, o veículo de Atma, o Cristo Cósmico); enquanto o Tesouro de Luz e o Plano Psíquico de P.S. correspondem ao Plano Manásico (de *Manas*, a mente), com suas duas grandes subdivisões de Mental Superior, ou Abstrato, e Mental Inferior, ou Concreto; o Plano Hílico corresponde ao Plano Astral (onde atuam as emoções); e, finalmente, o Plano Material, ao Plano Físico.

Diferentes entidades ou princípios atuam nas várias regiões destes planos. O Plano mais elevado é o da Divindade desconhecida, fonte de toda vida e base de sustentação do Universo. Lá, o Inefável com sua natureza inescrutável, imensurável, indescritível, reina absoluto, em silêncio, no interior dos interiores. Em Seu plano imanifesto, o Inefável contém Seus „Membros", também conhecidos como as „Palavras do Inefável", que contêm diversos grupos de doze Hierarquias, sendo a Décima Segunda Hierarquia a „Última Ordem dos Sem-pais", também conhecida no jargão teosófico como as Mônadas (*Anupâdaka*).

O Inefável se dá a conhecer ao manifestar-se, emanando de si os Mistérios do Inefável. Assim, o

„Inefável" refere-se à „Fonte Única não manifestada", sendo os „Mistérios do Inefável" as primeiras etapas do progressivo vir-a-ser da infinita manifestação do Uno, do Todo. O „Plano dos Mistérios do Inefável", está disposto em três subplanos, conhecidos como os Três Espaços do Inefável.

No „Primeiro Espaço" encontra-se o „Mistério do Inefável", o „Logos". No „Segundo" e no

„Terceiro Espaço", respectivamente, encontram-se os dois aspectos do Primeiro Mistério, que é a Unidade indivisível manifesta na pluralidade. No Segundo Espaço do Inefável, também conhecido como o Primeiro Espaço do Primeiro

Mistério, encontra-se o Primeiro Mistério Voltado Para Dentro, que na tradição oriental é chamado de *Atma*, a Vida Una, o Espírito que tudo abrange na unidade, também referido em P.S. como O Grande Mistério da Salvação, ou o Princípio Supremo do Perdão dos Pecados. No Terceiro Espaço do Inefável, também referido como o Segundo Espaço do Primeiro Mistério, encontra-se o Primeiro Mistério Voltado Para Fora, *Buddhi,* ou Intuição, a Luz Infinita, o veículo do Primeiro Mistério para sua atuação no mundo.

Jesus é apresentado como o Primeiro Mistério Voltado Para Fora quando age como um canal, ou veículo, para a ação da Pura-Luz de *Buddhi*, conhecida na Teosofia como o Cristo Cósmico. Dentro deste último Espaço existem outras emanações de Luz conhecidas como o Primeiro Preceito, as Cinco Impressões, a Grande Luz das Luzes, e os Cinco Auxiliares; este é um conceito intrigante, pois, dentro da tradição oriental, *Buddhi* é apresentado como um „espaço" ou „entidade" monolítica e abrangente, enquanto em P.S. este „espaço" desdobra-se em diferentes emanações ou aspectos.

A seguir encontra-se o plano conhecido como o Tesouro de Luz, ou Pleroma, ou ainda Herança da Luz, que é o Plano Espiritual, ou Pneumático (de *pneuma*, em grego, que significa Sopro, Alento, ou Espírito), formado com a substância de Luz, ou Lumen. Este plano espiritual, como os outros planos da manifestação, apresenta uma subdivisão básica em três subplanos ou espaços, refletindo a progressiva descida da onda da Vida, de forma sistemática e harmoniosa, do mais sutil para o mais denso; daí a importância dos três grupos e das 12 (ou 24) hierarquias encontradas em cada plano. Em outras palavras, cada plano é um reflexo pálido do plano que lhe é superior.

No primeiro subplano, o da Região da Direita do Tesouro da Luz, encontram-se IEUxvii, chamado de Supervisor da Luz, Primeiro Homem e Guardião do Véu, seguido de Melquisedec e do Grande Sabaoth, o Bom. A seguir, auxiliando o Grande Sabaoth encontram-se as Sete Vozes, ou Améns, as Cinco Árvores e os Três Améns. Os Sete Améns são as Sete Vozes que dão expressão, neste Plano, à Vontade da Palavra Una do Plano Superior, a Fonte primordial do Todo. Estas Sete Vozes parecem representar, neste plano, os Sete tons, ou Raios, que regem toda a manifestação e os Três Améns, os Três Dirigentes Supremos da Hierarquia Espiritualxviii. É na Região da Direita do Mundo de Luz, portanto, que está congregada a Hierarquia dos governantes espirituais da Terra. O segundo subplano é a Região do Meio, em que se encontra o Salvador Gêmeo, que é a Criança da Criança, numa referência a *Manas*, que neste nível é *Manas* Superior, a Criança de *Buddhi,* que é, por sua vez, a Criança de *Atma.* Finalmente, na Região da Esquerda encontram-se os 12 Salvadores com 12 Poderes.

Porém, é no Plano Psíquico e nos outros planos inferiores que ocorre a maior parte de nossa estória.

O Plano Psíquico é também chamado de Mistura, porque sua substância é uma mistura de Luz e de Hilê, a matéria sutil (astral). Este plano corresponderia ao plano mental concreto da teosofia.

Também está dividido em três subplanos. Na Região da Direita encontra-se Sabaoth, o Bom, com cinco Regentes Planetários e 360 Poderes, ou Decanos. Como será visto, Sabaoth, o Bom, é a correspondência neste plano mental concreto, do Grande Sabaoth, o Bom, emanação atuante na região da Direita do plano mental abstrato. Os cinco Regentes Planetários e os 360 Decanos são seus instrumentos para operar as limitações impostas, pelo

tempo e pelas formas neste plano concreto, aos conceitos ideados no plano abstrato. Na Região do Meio encontra-se o Pequeno Iao, o Bom, e a Virgem de Luz . Esta entidade ocupa uma posição central no julgamento das almas, talvez como a voz da consciência de cada indivíduo no sentido microcósmico, agindo como reflexo do Salvador Gêmeo no plano superior (o Tesouro de Luz). Ela é assistida por Sete Virgens de Luz, Quinze Auxiliares e Doze Ministros.

Na Região da Esquerda do plano Psíquico, também conhecida como a Região da Retidão, ou a Região do Décimo Terceiro Eon, encontra-se o Grande Ancestral Invisível e seu par, Barbelô, e três Grande Poderes Tríplices. Os dois primeiros Poderes Tríplices emanam vinte e quatro Invisíveis, dentre os quais Pistis Sophia e seu Par (Jesus), sendo ela a Projeção mais baixa. O Terceiro Poder Tríplice, conhecido como o Autocentrado, é o vilão da estória, representando o egoísmo, o ego inferior, volúvel, ambicioso e presunçoso, que se alia às emanações inferiores dos 12 eons (no Plano Hílico), ou seja, às paixões materiais do homem. Tem-se aqui mais uma correspondência com a tradição oriental: o mental concreto alia-se às emoções (*Kama-Manas*), governando a personalidade do homem do mundo

O plano seguinte é o hílico, ou sideral, que corresponde ao plano astral, ou das emoções, desejos e paixões. Neste plano encontram-se os 12 eons, bem como o Grande Poder com Cara de Leãoxix, emanado pelo Autocentrado com o fito exclusivo de atormentar Pistis Sophia e retirar o poder de sua luz, provavelmente uma referência ao poder do egoísmo (do **eu**). Outro subplano é o da Providência, aquele em que os agentes do carma, operam a construção dos veículos inferiores, com seus regentes e anjos. Há ainda o subplano da Esfera, também com regentes e anjos.

O plano material, formado de matéria mais densa, é o grande palco do drama da alma. A nível macrocósmico trata-se da Terra, o Mundo dos Homens, e, a nível microcósmico, do corpo físico.

Neste plano, vemos, mais uma vez, a divisão em três grandes regiões: o Firmamento (provavelmente o corpo etérico, que configura, em termos energéticos, o corpo físico denso), o Mundo, ou Cosmo, dos Homens e o Submundo, que por sua vez apresenta três subdivisões: Orcus, ou Amente, Caos e Escuridão Exterior. Esta última parece corresponder à aterrorizante oitava esfera, à qual poucas referências são feitas na literatura esotérica.

Assim, cada plano é um reflexo do plano superior, com as limitações oriundas do acréscimo da matéria deste plano. Em cada plano encontramos três regiões e 12 ou 24 emanações, ou entidades. As três subdivisões de cada plano refletem o sistemático e harmonioso esquema básico do Plano Divino de manifestação. Direita é sinônimo de Superior e Esquerda de Inferior. A Direita parece ter a função **ideadora**, criando arquétipos, o Meio é a **mantenedora**, que dá sustentação e administra as funções, ou objetivos, estabelecidos para aquele plano e, finalmente, a Esquerda, é o **ator**, ou agente que busca realizar as metas implícitas no arquétipo, agindo como elemento de ligação com o plano inferior, no qual atua de forma dinâmica. Poderíamos imaginar as entidades destas três regiões como Pai, Mãe e Filho, simbolizadas também pela semente, pelas condições para a sua germinação, nutrição e sustentação e, finalmente, pelo produto final, o fruto. Este, por sua vez provê a semente para a realização de mais uma etapa da obra do Pai no plano que lhe está abaixo.

O papel representado pelo „Meio", às vezes, parece um tanto confuso. Para compreendê-lo deve-se levar em consideração,

em primeiro lugar, que o meio representa, na linguagem simbólica da Tradição-Sabedoria, a relação de união entre os extremos, servindo, neste caso como ponte, ou *antakharana*. No sentido cosmológico, seria o fator de ligação entre Espírito e Matéria. Em segundo lugar, o termo é utilizado para representar dois espaços na cosmologia de P.S.: a Região do Meio em cada um dos planos da manifestação e o Plano Psíquico (mental concreto), que exerce papel de ligação entre os planos mental abstrato e astral, ou, para usarmos a linguagem de P.S., entre os planos espiritual e hílico. Portanto, o Meio, num sentido mais amplo, oferece as condições de intermediação para que o Arquétipo se manifeste de fato, ou seja, as condições facilitadoras de transição, direcionando a energia do alto para sua manifestação num nível inferior. Porém, o Meio também oferece as condições de transição, ou retorno, do inferior para o superior, na etapa evolutiva. E esta função intermediadora é exercida tanto dentro de cada um dos planos como entre os diferentes planos da manifestação, pois cada plano é o elo entre o que está acima e o que está abaixo. No sentido microcósmico, a alma é este elemento intermediador, primeiramente levando a luz do alto até a matéria mais densa e, posteriormente, oferecendo o caminho de retorno da centelha divina, aprisionada na matéria, para a Fonte Una.

A região da Direita parece ser o ideador e criador das entidades no seu plano. O grande ideador de toda a manifestação, como já vimos, é o Logos, que se encontra na região da Direita dos Mistérios do Inefável, a Fonte ou Essência do grande Plano Divino. No Tesouro de Luz, é dito que IEU, três outros seres não nominados e Melquisedec são os progenitores das cinco Árvores. Ora, as cinco Árvoresxx representam as cinco Raças-Raízesxxi já manifestadas, portanto, IEU, conhecido apropriadamente como o Primeiro Homem, seria o *Manu* xxii da Primeira Raça Raiz (o Adão

mítico) e Melquisedec o *Manu* da Quinta Raça (a atual). A Sabedoria oculta ensina que o *Manu* estabelece o arquétipo da Raça, dando início à sua manifestação no mundo e dirigindo ao longo dos milênios sua progressiva evolução através de sete sub-raças. Porém, o *Manu* estabelece somente o arquétipo, que é um conceito abstrato e sintético inerente ao mais alto subplano do plano mental abstrato. A progressiva

„materialização" deste arquétipo fica a cargo de outras entidades em planos inferiores, sendo a primeira delas Sabaoth, o Bom, regente da região da Direita no Plano Psíquico (mental concreto). É por isto que Sabaoth, o Bom, é referido como o pai do „corpo material" de Jesus, pelo fato de ter provido a matéria pura com que seu corpo „material" (o corpo mental concreto) foi, então, formado por Barbelô, na região da esquerda do Plano psíquico. Vale lembrar que, no plano material, o Firmamento tem um papel modelador semelhante, pois representa o corpo energético ou vital que estabelece o corpo físico do homem, moldando-o e condicionando-o.

Na verdade Jesus é apresentado como tendo três Pais. Isto não é surpreendente, pois, como Jesus simboliza o Eu Superior com sua natureza tríplice, cada uma teria um arquétipo ou Genitor. Quando Jesus fala em nome do Primeiro Mistério, seu Pai é o Inefável; como Salvador, seu Pai é Ieu; e como o par de Pistis Sophia, seu Pai é Sabaoth, o Bom.

As entidades da região do Meio, em cada plano, parecem ser os administradores ou mantenedores das funções estabelecidas para aquele plano. Assim, no plano dos Mistérios do Inefável, o Primeiro Mistério Voltado Para Dentro, *Atma*, ou o Espírito que tudo permeia, é o protótipo da Unidade que sustenta toda a manifestação. No plano do

Tesouro de Luz, equivalente ao mental abstrato, o Salvador Gêmeo parece ter a importante função de respaldar com sua luz o aspecto inferior da mente no Plano Psíquico. Isto é insinuado na interessante estória contada por Maria, a mãe de Jesus, sobre o espírito gêmeo de Jesus, que o procura na infância, e que o abraça e beija, unindo-se a Jesus, tornando-se com ele um só ser. O conceito de „alma gêmea", tão corrente nos dias atuais, provavelmente origina-se deste conceito, a alma unindo-se ao seu aspecto superior. Esta é provavelmente a etapa mais crítica da Senda Espiritual, a construção da ponte entre o plano mental concreto e o mental abstrato (o *antakharana* dos vedantinos) ou, na terminologia de P.S., a ligação do Plano psíquico com o Plano Espiritual.

No Plano Psíquico, equivalente ao mental concreto, a principal entidade na região do Meio é a Virgem de Luz, que tem o papel de Juiz das almas quando estas saem do corpo. Dependendo deste julgamento, as almas são entregues aos regentes para serem castigadas por seus pecados ou enviadas ao Tesouro de Luz. Além de ser uma entidade macrocósmica, a Virgem de Luz pode ser identificada, no interior do homem, como a voz da consciência, um verdadeiro juiz absolutamente imparcial que julga a alma após a morte do corpo físico, determinando seu paradeiro subsequente. Portanto, a atuação educativa e retificadora da Virgem de Luz possibilita que, a longo prazo, a alma alcance aquele estado de perfeição que lhe foi determinado desde o princípio.

No Plano Hílico, equivalente ao plano astral, esta posição central é ocupada pela Providência, responsável pelo condicionamento dos corpos inferiores dos homens que devem nascer no mundo, de acordo com seus méritos refletindo, portanto, seu carma. Como o assédio dos Regentes ocorre dentro do escopo de atuação de *Kama-*

manas (a mente concreta unida às emoções e aos desejos), a Providência é responsável pelas tendências, ou predisposições, de cada homem, que o tornam especialmente vulnerável a certas „quedas".

No plano material, a posição intermediária é o Mundo dos homens, cujo aspecto microcósmico é o corpo físico. Esta região oferece todos os elementos de sustentação para a realização do que Dante chamou de *A Divina Comédia*, ou seja, oferece o palco onde se representa o ato central do drama da peregrinação da alma.

A região da Esquerda parece ser o elemento dinâmico de ligação e orientação das atividades do plano que lhe é imediatamente inferior. É como se o Filho de um plano assumisse o papel de Pai no plano seguinte, simbolicamente, no fruto encontra-se a semente. Assim, vemos que o Primeiro Mistério Voltado Para Fora, que está no terceiro Espaço dos Mistérios do Inefável, é extremamente ativo na administração do Tesouro de Luz e até mesmo dos planos inferiores. Os 12 Salvadores, que se encontram na Região da Esquerda do Tesouro de Luz, são as entidades que dirigem as atividades salvíficas das almas no Plano Psíquico. Por sua vez, o Autocentrado, a última entidade na região da Esquerda do Plano Psíquico, a região do Décimo Terceiro Eon, é o principal agente na orientação das atividades dos 12 eons do plano abaixo, que constantemente afligem Pistis Sophia (a alma), procurando retirar sua luz. Neste particular, o Autocentrado, que é a personalidade egoísta, a principal responsável pela constante tentação da alma, atraída pelo mundo material, poderia ser comparado ao demônio mítico que combate as forças da luz, procurando manter a alma prisioneira das trevas.

Riqueza da Nomenclatura e do Simbolismo

Como pode ser aquilatado nos parágrafos anteriores, a terminologia de P.S. é um dos primeiros desafios a ser enfrentado pelo leitor. Com raras exceções, os nomes usados para caracterizar as inúmeras entidades que povoam os vários planos não têm ligação com a tradição judaica, que a precedeu, nem com a cristã-ortodoxa, que a sucedeu. Porém, esta terminologia única, em vez de ser um véu para obscurecer o entendimento do estudioso, é uma janela favorecendo sua visão espiritual.

O Mestre, com sua profunda sabedoria, sabia que os nomes usados pelos homens estão sobrecarregados de conceitos, ou melhor dito, de preconceitos, que dificultam a apreensão da verdade.

Assim, a nomenclatura de P.S. não parece ser guiada pela tradição, mas pela caracterização da principal função ou qualidade que melhor descreve cada entidade ou princípio da natureza e do homem. Vemos, assim, que a Providência provê os elementos que regem os destinos dos homens. O

Autocentrado descreve magistralmente, a nível microcósmico, a personalidade egoísta, orgulhosa e presunçosa do homem. Os Salvadores são as entidades (ou aspectos da mente) do Tesouro de Luz que trazem a Luz espiritual que salva as almas. E assim por diante.

Mas é nos níveis mais altos da cosmologia de P.S. que se constata a sabedoria do Mestre em evitar a nomenclatura tradicional. A Deidade Suprema não é chamada de Deus, evitando-se assim as conotações antropomórficas e elitistas que perduram até hoje. Ela é chamada de Inefável, ou seja, Aquele sobre Quem, ou sobre o Qual, nada se sabe e que está infinitamente além de qualquer caracterização pelo homem. Dentro do Inefável, e como parte intrínseca de seu Ser, estão os Membros do Inefável, transmitindo a idéia

implícita da Unidade, pois os membros de um homem fazem parte integral dele, caracterizando-se, porém, por suas funções especializadas. Dentre Seus Membros são mencionados os Não-gerados ou a Ordem dos Sem-pais, que parecem corresponder ao conceito das Mônadas da tradição hinduísta, que não foram geradas pois existem eternamente no Inefável.

No plano de manifestação do Inefável, que é o plano dos Mistérios do Inefável, correspondente ao Plano Divino, a sabedoria de uma terminologia neutra e auto-explanatória torna-se óbvia para o leitor atento. Ao escapar da camisa-de-força mental da terminologia ortodoxa da Trindade, que inibe o movimento cognitivo interior do estudante que procura apreender a verdade de forma intuitiva, os nomes utilizados, que inicialmente se configuram como frustrantes à mente concreta, que busca na memória o conforto do conhecido, oferecem pistas para que a intuição busque, nos caminhos do inconsciente, o ensinamento profundo que o Mestre está procurando transmitir.

Assim, no Primeiro Espaço, encontra-se a entidade chamada Mistério do Inefável, denominada também o Logos, ou a Palavra Una. Tem-se aí a caracterização da mais alta entidade do mundo manifestado, a fonte primordial de tudo, visível e invisível, que jamais existiu ou existirá. Ademais, a expressão „Palavra" transmite duas idéias importantes que caracterizam esta entidade suprema do mundo manifestado: o som, que é vibração, e a expressão da vontade. Portanto, Vibração, Movimento, ou Energia, caracteriza a fonte de toda vida, que se expressa pela Vontade. Esta seria, portanto, a Fonte da ideação cósmica, ou do Plano Divino.

A versão grega da Bíblia adotou o conceito do Logos, que mais tarde foi traduzido para o latim como „Verbum" e,

posteriormente, para as outras línguas modernas, chegando ao português como o

„Verbo", ou a „Palavra". Com a tradução do termo original perderam-se diversas conotações importantes da expressão grega. Os principais significados no original eram: ordem, ou padrão; relação, ou proporção; discurso; razão, tanto no sentido da racionalidade como no da articulação da causa; princípio, ou causa; princípio de mediação, ou harmonia entre extremosxxiii. Em seu sentido cosmológico o Logos inclui todas estas conotações referindo-se à Ordem subjacente de toda manifestação, o Modelo, ou Idéia, primordial da Fonte Una, a partir do qual toda a criação se originou.

Pelo princípio da analogia, ou das correspondências, este Plano Primordial é expresso a nível de cada um dos quatro Planos que lhe estão abaixo, ou no exterior, pela entidade suprema da Direita, que equivaleria ao delegado, ou representante, do Logos naquele Plano, em sua função de criador de arquétipos.

Esta origem e seqüência, da ideação à criação, foi expressa de forma semelhante por Clemente de Alexandria, dentro dos parâmetros da concepção ortodoxa: “A imagem de Deus é Sua Palavra, o genuíno Filho da Mente, a Palavra Divina, a arquetípica luz da luz (*Lumen de Lumini*); e a imagem da Palavra é o verdadeiro homem, a mente que está no homem, que é referida, portanto, como tendo sido feita à imagem e semelhança de Deusxxiv.”

Seguindo o processo de emanação, encontramos, no Segundo Espaço, o Primeiro Mistério Voltado Para Dentro, e no espaço subseqüente (Terceiro Espaço), o Primeiro Mistério Voltado Para Fora.

Estes nomes estão repletos de significados: o Primeiro Mistério é a Unidade de toda a manifestação.

Seu aspecto voltado para dentro é o Espírito (*Atma*), a Vida Una que tudo permeia e tudo abrange na Unidade, e seu aspecto voltado para fora é seu instrumento, ou veículo de atuação no mundo, que, de acordo com a tradição oriental, seria *Buddhi*, ou a Pura-Luz da intuição, e na tradição ocidental, o Cristo.

O Primeiro Mistério é referido também como o Vigésimo Quarto, ou Último Mistério. Esta simbologia parece indicar que o mistério do Todo abarca o início e o fim da manifestação, ou seja, as vinte e quatro letras do alfabeto grego, representando todas as possibilidades de expressão da manifestação, que quando chegasse ao seu término voltaria ao seu estado inicial. Portanto, o Primeiro Mistério é também o Últimoxxv. Jesus, portanto, como símbolo do divino, diz que Ele é o Alfa e o Omega. As conceituações deste Mistério como „voltado para dentro" e „voltado para fora" indicam a orientação ou direção da atividade da entidade destes espaços. Quando „voltado para dentro" está em sintonia com a Fonte do Todo no Alto, realizando, portanto, sua função de sustentação. Quando

„voltado para fora" está engajado na continuação do processo evolutivo, levando a Luz do Alto, ou do Interior, para os planos inferiores, ou externos.

Alguns termos em P.S. são usados diversas vezes num sentido genérico que parece extrapolar o sentido técnico específico, como por exemplo, „caos" e „corpo material". Caos refere-se ao estágio intermediário do submundo do Plano Material onde a alma passa, ao final de cada encarnação, por um período de purgação devido a seus erros e pecados No entanto, quando é dito que Pistis Sophia desce

ao caos, onde é perseguida pelos regentes, o que está sendo transmitido é que a alma, ao descer do plano mental concreto, a região da verdade e retidão, e passar a atuar, ou seja, tornar-se consciente, no campo das emoções e dos desejos, cai num verdadeiro caos (ausência de harmonia essencial), quer esteja encarnada ou fora do corpo físico, pois passará a viver na escuridão e na ignorância da realidade, que é o Mundo Luz.

Como a essência do mito de Sophia é a sua descida ao „caos", este conceito deve ficar bem claro.

No original grego caos (□□□□) significava desordem, sendo o seu oposto cosmo □□□□□□□, a ordem. O

leitor poderá objetar, com razão, que os planos inferiores não são expressões de desordem, muito pelo contrário, como os naturalistas e ecologistas demonstram, todos os aspectos da Natureza no mundo físico apresentam um alto grau de organização em seus mínimos detalhes. Ocorre que Pistis Sophia é a alma, ou mais precisamente, a unidade de consciência do homem no mundo das formas, ou da encarnação. Portanto, quando o texto fala sobre sua descida ao caos está se referindo à desordem que ocorre no estado mental da alma quando passa a ser afetada pelas emoções, desejos e paixões e fica condicionada aos nomes e formas, aos valores culturais e morais de sua família e sociedade, enfim, a toda uma série de condições que representam uma virtual prisão para a alma encarnada no mundo.

Assim, o caos a que se refere o texto é um estado de consciência e não necessariamente a região do submundo do Plano Material. Este enfoque é muito semelhante à visão budista das perturbações da mente.

Quanto à expressão „corpo material", o leitor naturalmente será levado a pensar no corpo físico, ficando, no entanto, confuso com os detalhes da estória narrada. Ora, Jesus, como todos os Mestres, considerava que o corpo físico nada mais era do que uma roupagem de matéria que cobre o verdadeiro ser no seu interior. O corpo astral, ou hílico, por sua vez, é uma mera ilusão que desaparece no homem perfeito, o que era o caso de Jesus. Assim, quando Jesus diz que recebeu a matéria de seu corpo material de Sabaoth, o Bom, que a entregou a Barbelô, na Região da Esquerda, para que o moldasse sem a matéria dos Regentes, está se referindo a seu corpo mental concreto. Com este corpo ilibado, não poluído pela matéria astral, Ele pode atuar no mundo sem ser do mundo, pois estará imune ao assédio dos regentes, ou seja, das paixões e condicionamentos materiais.

O leitor pode ser levado à perplexidade ao encontrar Jesus, nesta cosmologia, em três níveis diferentes, com funções distintas. Jesus afirma que é o Primeiro Mistério Voltado Para Fora, que se encontra no plano dos Mistérios do Inefável. Diz também a seus discípulos que, quando o número de seres perfeitos for alcançado, ou seja, quando terminar o atual ciclo evolutivo, ele tomará seu lugar no Tesouro de Luz, um plano abaixo dos Mistérios do Inefável, e colocará seus discípulos à sua direita e à sua esquerda, julgando as 12 tribos de Israel. Como se não bastasse isto, Jesus é também apresentado como sendo o par, ou consorte, de Pistis Sophia, cujo lugar de origem é o décimo terceiro Eon, ou seja, o terceiro subplano do Plano Psíquico (mental concreto).

A perplexidade inicial desaparece, entretanto, quando nos lembramos que todo o relato de P.S. é mítico, e que nele Jesus simboliza os princípios superiores do homemxxvi. Assim, Jesus representa o Divino atuando em cada ser (o

Primeiro Mistério Voltado Para Fora), o poder superior da mente (o Salvador no Tesouro de Luz), e o poder de discernimento da mente concreta não conspurcada (o par de Pistis Sophia no Plano Psíquico).

Pistis Sophia é apresentada como seu par porque é neste nível da mente que se encontra o centro de consciência do homem, a alma, que, até sua libertação do mundo material, estará voltada para baixo.

Vale notar que Jesus, em suas diferentes funções nos três planos, está sempre situado na região da esquerda, ou seja, na região de atuação dinâmica sobre os planos que lhe estão abaixo: „ele está no mundo mas não é do mundo". Visto sobre outro prisma, Jesus poderia ser considerado também como o símbolo do Homem Perfeito, o Varão Perfeito em Cristo, representando todo aquele que alcançou a plenitude, ou individuação, como diria Jung, e está desperto em todos os planos da natureza humana, atuando em cada um, quando necessário, com todo Poder, Sabedoria e Amor de um Mestre. Ele é o exemplo vivo e vívido da Unidade atuando no mundo. É o Instrumento do Primeiro Mistério, salvando almas ao despertar a centelha divina nos homens do mundo. E, finalmente, é a esperança de glória para todos os que procuram segui-lo, vivenciando Seus ensinamentos até o cumprimento de sua missão e retorno à Casa do Pai.

Uma palavra muito usada no texto é o termo grego „aion" □□□□□□, pronunciado „eon". Era usado na Grécia clássica para transmitir a idéia de um período considerável de tempo, uma longa era.

Provavelmente o termo derivou-se de „aei on", ou seja, „sendo para sempre". No entanto, em P.S., os

„eons" representam um „espaço" ocupado eternamente por uma hierarquia de seres. Provavelmente este significado singular está transmitindo a idéia de que a relação espaço-tempo, tão intrigante na Física, é também aplicável na Metafísica; cada espaço eônico seria ocupado por uma era eônica - um espaço eternamente delimitado pelo tempo.

Gematria, numerologia e simbolismo.

Um aspecto importante e pouco conhecido do simbolismo oculto de Pistis Sophia, merecendo uma abordagem separada, é a correspondência numérica de inúmeras palavras e expressões do texto. Este tipo de correspondência não é exclusivo de Pistis Sophia. Um dos véus usados na tradição dos Mistérios é o simbolismo dos números e das proporções numéricas, conhecido como gematria. Muitos textos de caráter esotérico, incluem em seu bojo mensagens criptográficas em que um valor numérico é atribuído às letras de certas palavras, que transmitem, então, uma mensagem „oculta". Este simbolismo é uma decorrência natural da observação dos grandes sábios de que a manifestação ocorre de forma harmônica em seqüências definidas por expressões numéricas. Isto levou o grande Iniciado Pitágoras a dizer que os números representam um poder celestial operando na esfera divina e condicionando toda a criação, e que, portanto, Deus geometriza.

Desde os tempos da Grécia clássica, seqüências numéricas foram observadas nas figuras planas e sólidas, sendo constatado que se repetem nos acordes musicais. Porém, os gregos não foram os únicos nem mesmo os primeiros a descobrir e utilizar as razões numéricas na linguagem sagrada. Existem indícios de que os indianos, os babilônios e os egípcios também usavam a matemática sagrada desde tempos imemoriais. Os judeus receberam dos babilônios e

dos egípcios o conhecimento da numerologia, que foi utilizado na Cabala.

O considerável desenvolvimento da numerologia entre os gregos e os judeus explica-se, em parte, pelo fato de que nestas duas culturas, na antigüidade, não havia símbolos separados para os números como existem hoje. As letras do alfabeto representavam também os números. O sistema funcionava com as primeiras oito letras representando as unidades, as oito seguintes as dezenas e as últimas as centenas. Para completar a numeração, os gregos introduziram mais três símbolos específicos com valor exclusivamente numérico, como pode ser visto no Anexo n.º 3. Em vista desta correspondência natural entre letras e números, os gregos e os judeus usavam palavras para representar números e números para representar palavras, podendo, assim, transmitir de forma velada correspondências com outros conceitos.

Ao que tudo indica, Jesus era um iniciado nos Mistérios egípcios e conhecia também a ciência sagrada dos gregos, pois esta foi derivada dos egípcios. Assim, não é surpreendente que Pistis Sophia, sendo o texto mais avançado e profundo de toda a tradição esotérica cristã, esteja embasado na linguagem gemátrica. Seu estudo oferece mais uma chave para o progressivo desvelar da mensagem do texto.

Alguns poucos exemplos servirão para indicar o escopo do sistema. Comecemos com o próprio nome de Jesus. Este nome é uma adaptação do hebraico „Ieoshua", sendo escrito em grego como

□□□□□□□ resultando no valor numérico de 888 (□=10 +□□=8 +□□=200 +□□=70 +□□=400 +□□=200).

Este número simbolizava a harmonia e perfeição do Logos, com o qual Jesus era identificado, e podia ser obtido também do „quadrado mágico do sol"xxvii e da representação da „Plenitude", ou seja, da totalidade das 24 letras do alfabeto grego, em seu arranjo usual de 8 unidades, 8 dezenas e 8 centenas.

Os números tríplices e quádruplos tinham um significado sagrado especial na gematria, como poderá ser visto na nota de Blavatsky (Anexo n.º 1) à anotação aparentemente desconexa acrescentada por outro escriba ao final do Primeiro Livro de P.S.

O primeiro parágrafo do códice oferece outro exemplo. É dito ali que Jesus instruiu seus discípulos

“somente até as regiões do Primeiro Preceito e do Primeiro Mistério no interior do Véu que está dentro do Primeiro Preceito, o qual é o Vigésimo Quarto Mistério por fora e abaixo, entre os (vinte e quatro) que estão no Segundo Espaço do Primeiro Mistério, que está diante de todos os mistérios -- o Pai na forma de uma pomba”. O Pai é a entidade suprema da manifestação, abarcando o Todo, ou seja o

□□e□□, cujo valor numérico é 801. Porém, a pomba em grego é □□□□□□□□□, cujo valor numérico é também 801xxviii.

A gematria permite o entendimento de um aspecto bastante curioso da estória de P.S., que é o papel preponderante de Maria Madalena, sempre pronta a se adiantar aos seus condiscípulos e oferecer solução às questões abordadas por Jesus. Sabendo-se que os personagens da estória simbolizam aspectos da mente e que o nome de Madalena, entre os gnósticos, era Mariammi, cujo valor gemátrico equivale à „Verdade Universal"

□□□

haviam sido explanadas anteriormente por Davi (Salmos) e Salomão (Odes). E mais, antes de cada „interpretação" o discípulo reiterava que aquelas palavras haviam sido ditas anteriormente por Jesus, por meio de Davi ou Salomão. Este último fato deve ser entendido em seu sentido simbólico. Jesus, como já foi dito, simboliza os princípios superiores do homem, em particular a Pura Luz de Buddhi, ou seja o Cristo Cósmico. Assim, o Cristo já preexistia antes do Jesus histórico, sendo o dispensador da Sabedoria eterna a todos os hierofantes e mensageiros divinos no mundo.

Verifica-se, assim, que Jesus, o arauto da Boa Nova, estava perifeitamente conectado com a antiga tradição dos profetas, da qual parece ser um representante. Esta longa tradição mística legou ao mundo uma comovente literatura com profundo significado transformador. Os profetas tiveram grande impacto entre os judeus e eram conhecidos como Hierofantes dos Mistérios. Dentre estes destaca-se Melquisedec, sobre quem pouco foi preservado na literatura existentexxxi, mas que ocupa um lugar de destaque nos planos superiores do Tesouro de Luz na cosmologia de P.S. É interessante notar, porém, que a Igreja primitiva reverenciava a tradição de Melquisedec, como mostra a Epístola de Paulo aos Hebreus, onde é dito que Jesus foi „feito *sumo sacerdote para a eternidade, segundo a ordem de Melquisedec'* (Hb 6,19). A caracterização deste grande ser feita por Paulo apresenta um notável paralelo com a oferecida em P.S.: „Este Melquisedec é, de fato, *rei de Salém, sacerdote de Deus Altíssimo. Ele saiu ao encontro de Abraão quando esse regressava do combate contra os reis, e o abençoou.* Foi a ele que *Abraão entregou o dízimo de tudo.* E o seu nome significa, em primeiro lugar, “Rei de Justiça”; e, depois, “Rei de Salém”, o que quer dizer “Rei da Paz”. Sem pai, sem mãe, sem genealogia, nem princípio de dias nem fim de vida! É assim que se assemelha ao Filho de Deus, e permanece sacerdote eternamente." (Hb 7,1-3)

A reprodução de ensinamentos antiquíssimos através das invocações de Pistis Sophia, que repercutiam aqueles apresentados nos Salmos e nas Odes de Salomão, deve ter sido feita com um propósito em vista. Provavelmente, o Mestre estava querendo nos alertar para o fato de que ele, como Mensageiro do Alto, apenas transmitia ensinamentos milenares da Tradição-Sabedoria, embora com uma nova roupagem. Estes ensinamentos, no entanto, sempre estiveram disponíveis aos homens, o que foi exemplificado na tradição judaica com os Salmos e as Odes. Porém, a sua mera disponibilidade não basta. Para que o ensinamento oculto possa exercer seu poder transformador, precisa ser interiorizado, sendo levado à caverna do coração, e devidamente interpretado. O

significado dos símbolos precisa ser compreendido e a mensagem colocada em prática pelo buscador.

É como se o Mestre estivesse querendo nos alertar que devemos buscar a verdade no espírito das palavras, que é vida, e não nos atermos à letra que mata. Jesus deixa implícito o exemplo de seu povo, que teve ao longo dos séculos os mesmos ensinamentos profundos de natureza transformadora que Ele agora ministrava. Porém, o povo ignorou a lição espiritual das reiteradas mensagens de seus profetas e se apegou a uma interpretação literal e material de algumas partes de suas escrituras, principalmente da Lei Mosaica, insistindo na observância de preceitos exteriores, que foram transformados em virtuais dogmas que não tocaram o coração. Infelizmente, o temor de Jesus era justificado. Os herdeiros de seu ministério repetiram a história do triste e sofrido povo judeu, entronizando a letra de sua mensagem e se esquecendo do seu espírito. O resultado todos conhecemos: a obediência cega à Lei foi substituída pela fé cega em dogmas, na intermediação necessária da Igreja („fora da Igreja não há salvação"), e na

participação em rituais externos, com um concomitante alheamento da verdadeira busca espiritual partindo dos ensinamentos transformadores que Jesus veio renovar.

Interpretação do Mito

Jesus relata a seus discípulos que encontrou P.S. arrependida e se lamentando abaixo do décimo terceiro eon, seu lugar de origem, nas profundezas do caos. Talvez os dois personagens mais intrigantes de toda a estória sejam a própria Pistis Sophia e seu consorte, Jesus, com o qual forma o último par das 24 emanações dos Dois Grandes Poderes Tríplices na Região da Esquerda do Plano Psíquico. Ora, emanações são aspectos ou qualidades de uma determinada entidade (no caso aspectos da mente concreta), que adquirem vida própria ou, melhor dito, consciência própria. Como P.S. é a última emanação destes 24 invisíveis e, aparentemente, a única que desce ao caos, deve representar aquele aspecto da mente que se alia às emoções e desejos ao atuar no plano hílico ou astral. É, portanto, aquela parte da mente que se torna conspurcada pelas vibrações pesadas, ou na linguagem do texto, que perde sua luz para os regentes que a afligem.

No início, o papel de Jesus parece ser o de um compassivo observador. Com o transcorrer da estória, a situação vai se aclarando: Jesus é o par natural de Pistis Sophia, aquele aspecto da mente que, tendo preservado sua pureza prístina, pode agir como Salvador dela. Como já foi dito, do ponto de vista microcósmico, o mito descreve a peregrinação da alma na etapa de retorno à Casa do Pai, em que todos os princípios do homem contribuem com a sua parte. Inicialmente Jesus, representando o poder da mente pura, com seu discernimento e determinação, ajuda a P.S. por sua própria conta. A ajuda final a P.S. vem como um poder do Primeiro Mistério por intermédio de Jesus, uma

referência ao poder de iluminação de *Buddhi* usando *Manas*, a Mente, como seu veículo. Isto significa que Jesus simboliza o Eu Superior e Pistis Sophia o eu inferior, estando intimamente ligados, ainda que com papéis diferentes a representar no Plano Divino. Portanto, a libertação final da personalidade arrependida é coincidente com a glorificação final da individualidade tornada Perfeita, como é insinuado no texto.

Pistis Sophia é a alma humana assediada pelas paixões materiais, representadas pelos regentes, que usam de todos os meios para tomar sua luz interior, que é de origem divina. Se, por um lado, Pistis Sophia deve enfrentar o assédio constante dos poderes das trevas, ou seja, da matéria, por outro, ela tem a seu favor a fé na luz e o arrependimento, ou pesar, por seu erro (ter-se aventurado no abismo sem seu consorte). O leitor deve ficar atento ao fato de que, em P.S., o conceito de alma é bastante peculiar. Ela é considerada aquela parte da mente concreta que é o centro de consciência do homem durante a encarnação e, após a morte do corpo físico, no plano astral e no mental concreto.

A „queda" de Pistis Sophia, sua descida ao caos sem seu par, é referida várias vezes como seu

„pecado". Esta referência é, provavelmente, uma das fontes que inspiraram a concepção ortodoxa do

„pecado original". Pistis Sophia, no entanto, desce ao caos por ordem do Primeiro Mistério, como não podia deixar de ser, pois o processo da manifestação nada mais é do que um progressivo desabrochar do Plano Divino. Sabe-se que este Plano envolve a descida do Espírito à matéria e seu eventual retorno à Fonte Una, uma vez enriquecido com as experiências de sua peregrinação à terra distante.

Em outras palavras, o ser humano, que inicialmente habitava como anjo ilibado nos planos espirituais, deve „cair na matéria" para reconquistar sua Luz interior e, só então, retornar à sua glória na Luz celestial.

Os Arrependimentos de Pistis Sophia

Pistis Sophia, em suas lamentações, fala das perseguições dos regentes e de seus poderes, que a fazem sofrer. Mas em nenhum momento é feita qualquer sugestão de que este sofrimento advém de agressão física. Ao contrário, subentende-se que se trata do sofrimento psíquico de um ser que está ciente da realidade última; isto é, que em sua essência mais recôndita é um ser de luz e que, cada vez que sucumbe às tentações do mundo material, perde sua luz interior.

Isto reflete o fato de a estória de Sophia expressar a realidade vista sob o prisma da Luz do Alto, ou seja, que sua perspectiva é espiritual. Em outras palavras, Pistis Sophia, expressa a consciência da alma que sofre cada vez que perde sua luz. Assim, quando P.S. reclama que os regentes dos eons estão oprimindo-a, querendo tirar sua luz, podemos entender que a personalidade se deixou levar por alguma vibração pesada, agressiva e desagradável, como uma explosão de raiva, um ódio profundo, uma mentira ou calúnia, etc. Mas a „opressão dos regentes" também pode significar, do ponto de vista da personalidade, todas aquelas experiências prazeirosas que o homem do mundo chama „gozar a vida", mas que a alma, vendo tudo da perspectiva interior da luz, sabe que é mais uma aflição, um tormento, que vai lhe custar muito caro

Existe outra razão eminentemente prática porque Pistis Sophia se refere à ação das emoções, desejos e paixões materiais como sendo aflições, opressões e tormentos dos regentes. A alma sabe que toda vez que sucumbe às

tentações do mundo deverá pagar caro por isto, como fica bem claro na última parte do texto, quando Jesus narra aos discípulos os terríveis tormentos da alma após a morte do corpo físico, ministrados pelos mesmos astuciosos e malévolos regentes. Este é um dos aspectos mais dramáticos da mensagem do Mestre: a alma pode despertar para a Realidade e procurar escapar da prisão do caos, ou pode permanecer no aparentemente doce embalo das ilusões, sucumbindo aos desejos e paixões e, com isto, pagando após a morte, o terrível preço do verdadeiro inferno que nos aguarda no submundo. A única diferença é que este inferno não é eterno e sim temporal, e nossos tormentos purificadores terão fim, como é descrito no texto.

Uma das chaves para o entendimento do mito de Sophia é a compreensão de que os Regentes e Poderes que a perseguem e afligem, na verdade, não são entidades exóticas exteriores, mas sim aspectos do ser que vivem e atuam no interior do homem, aparentemente como se fossem entes separados. Este talvez seja um indício de que os „demônios", ou seres das trevas, não são tanto seres exteriores que atormentam as almas atuando a partir de fora, mas sim aspectos de nossa constituição interior, o que Jung, com rara felicidade, chamou de nosso lado sombra. O fato dos Regentes e Poderes, ou seja, os agentes das trevas, fazerem parte de nossa constituição interior inata enquanto homens encarnados, ou na linguagem de P.S., caídos no caos, é indicativo do poderio destas entidades e do perigo que constituem para a alma, pois nossos piores inimigos são aqueles que estão infiltrados em nossa fortaleza. Por isto, a ação das emoções, desejos e paixões materiais mina a determinação do homem, arrastando-o para baixo, mesmo quando procura atingir a luz do alto.

Vemos, portanto, que é possível ler o mito de Sophia sob duas óticas diferentes. A primeira, a cosmológica, é que se

trata de uma descrição velada de entidades cósmicas perseguindo Pistis Sophia, que alcança refúgio em seu par, Jesus, o Salvador de todas as almas. A outra perspectiva é a psicológica. Esta é mais construtiva, se bem que mais penosa e, em alguns momentos, até mesmo assustadora. Nesta segunda visão, todas as entidades descritas no mito de Sophia estão dentro de nós mesmos. Na realidade, são os diferentes aspectos da totalidade de nosso ser.

Sob este último prisma, vemos que o Inefável e os Mistérios do Inefável fazem parte intrínseca da natureza humana. A Mônada, descrita por Platão e pelos tratados teosóficos como o Deus interior e pessoal de cada homem, nada mais é do que um membro do Inefável. O Primeiro Mistério, tão atuante nos relatos de Pistis Sophia, é o Espírito Divino, ou *Atma*, em seu aspecto de Primeiro Mistério Voltado Para Dentro, e também representa *Buddhi*, ou o Cristo interior, em seu aspecto de Primeiro Mistério Voltado Para Fora, que fazem parte intrínseca de cada ser humano.

Neste particular, o comovente relato da ascensão e glorificação de Jesus vestido com suas três Vestes de Luz, pode ser lido como um prenúncio do que nos aguarda num futuro mais distante, quando tivermos vivenciado os ensinamentos do Mestre, recebido todos os Mistérios, tornando-nos, então, „Perfeitos como o Pai que está nos céus é Perfeito".

Estes aspectos superiores de nossa natureza interna são bastante alvissareiros. Mas isto não é tudo.

Quando se desce ao Plano Psíquico defronta-se com a Virgem de Luz na Região do Meio. Ela age como Juiz implacável das almas após a morte do corpo físico. Não se trata, porém, de um juiz exterior, mas sim da própria Voz da Consciência de cada um, onde estão gravados todos

pensamentos, palavras e obras, que exige Justiça e ordena o cumprimento de suas sentenças nos planos sutis e material.

Um personagem intrigante na estória é o terceiro Poder Tríplice, o Autocentrado, entidade vaidosa e presunçosa que demanda o centro das atenções e o elogio de seus subordinados. Este ser orgulhoso e egoísta não é meramente um personagem mítico, mas também a nossa própria personalidade.

Teremos a coragem de aceitar o ridículo e até mesmo asqueroso Autocentrado como nosso próprio eu, frívolo, ignorante e cruel? Quando se analisa o mito de Sophia com mais profundidade, verifica-se, com tristeza, que realmente a personalidade autocentrada de cada um de nós trabalha para sua própria destruição, pois persegue, por todos os meios, Pistis Sophia, que é sua própria alma.

Mas o Autocentrado não é o único vilão da estória. Logo abaixo dele existem 12 Eons, num plano inferior (astral), com seus Regentes, poderes, anjos e auxiliares, com o único propósito de perseguir e atormentar a alma, para retirar-lhe a luz. Esta é, em sua triste realidade, a descrição da natureza autodestrutiva do ser humano. As inúmeras emoções, desejos, paixões e apegos que o assediam constantemente em sua busca de gratificação são aspectos de sua natureza inferior, sua sombra, a ignorância de seu egoísmo. E cada assédio bem sucedido destes „Regentes" redunda na redução da Luz interior da alma.

Felizmente o Salvador, em seu duplo aspecto de Mente pura e *Buddhi*, o veículo da Luz do Alto, está atento e pronto para prestar ajuda quando a alma, cansada de sofrer na vida de ilusão do caos (da mente conturbada e condicionada), profere, com toda fé e perseverança seus arrependimentos à Luz do Alto. Começa, então, o caminho de retorno, em que a

alma que busca a Luz e renuncia a vida do mundo vai paulatinamente se libertando dos laços que a mantêm presa nas trevas da ignorância, até alcançar a libertação final e permanente em sua região de origem.

Porém, a região de origem de Pistis Sophia é o Décimo Terceiro eon no Plano Psíquico, para onde retornará quando for libertada. Pode-se perguntar: „e por que não ser alçada ao Tesouro de Luz, como Jesus prometeu aos discípulos que desejavam segui-lo"? Porque o ser humano apresenta diferentes aspectos de uma mesma realidade, cada qual em seu respectivo plano; assim, cada um de nós já está no Tesouro de Luz sob o aspecto de Salvador, como também está nos Mistérios do Inefável, como Primeiro Mistério. O que se processa é a „integração" ou „individuação" do homem, como dizia Jung.

Todos estes aspectos, desde o mais alto ao mais baixo, fazem parte da natureza humana, sendo a libertação a mudança de estado de consciência que se dá quando o inferior voluntariamente se submete ao superior, resultando no que os místicos chamam de „união com Deus". Quando isto ocorre, dá-se a integração ou união, em que o homem em seu corpo físico manifesta a consciência de seus aspectos mais elevados, agindo, então, divinamente na Terra.

O homem é caracterizado pela mente. É na mente, inferior ou superior, que se encontra o centro de consciência do homem. Portanto, é nos planos da mente que o homem experimenta ou vivencia a sua desdita ou a sua apoteose. Este conceito é comum às filosofias orientais. É por isto que é dito que os seres avançados experimentam sua bem-aventurança paradisíaca nos planos superiores do plano mental, que, para as almas desencarnadas, seria o *Devacan* xxxii da Vedanta *.*

A evolução do homem poderia ser vista como um longo e penoso processo de subida da alma pelas escadarias de sua constituição interior. Este processo é retomado vida após vida, sendo a velocidade deste reaprendizado, em cada encarnação, função de suas conquistas e méritos anteriores. Porém, o edifício da constituição humana interior também possui um elevador simbólico. Quando o homem recebe Mistérios, uma senha ou „sinal secreto" é-lhe conferida, permitindo-lhe usar este elevador para subir a todos os andares, até o nível correspondente ao mais alto Mistério recebido. Os andares são inúmeros, pois cada grande plano compõe-se de muitas subdivisões, e a subida de um pavimento a outro representa um deslocamento através dos estados de consciência da natureza humana.

COMO PISTIS SOPHIA SE SALVA DO CAOS

Como a estória é contada do ponto de vista interior da alma e, portanto, não inclui os detalhes e preocupações usuais do nosso mundo de nomes, conceitos e formas, nenhuma menção é feita às recomendações contidas nos ensinamentos públicos de Jesus. Tampouco é mencionada a necessidade de superação de fraquezas e vícios e do cultivo das virtudes. O que se vê nos arrependimentos de P.S.

é um repetitivo louvor à Luz, refletindo seu profundo anseio por se livrar da opressão dos regentes e de ser salva do caos pela Luz, na qual sempre teve fé. Ora, no exame dos profundos ensinamentos éticos de Jesus, como relatados no Sermão da Montanha, vê-se que estes ensinamentos estão implícitos, do ponto de vista da alma espiritual, nos „arrependimentos" de P.S.

Centrando-se, por exemplo, na questão fundamental do „amar a Deus sobre todas as coisas", nota-se que o anseio e a fé na Luz reiterados por P.S. em todas as suas Invocações

nada mais são do que a expressão deste amor. Sabendo que a „Luz do Alto" nada mais é que outro nome de Deus, percebe-se que o amor é a força motriz que impele P.S. a caminhar, passo a passo, ao longo de muitas eras e após muito sofrimento, pelos meandros dos mundos inferiores até alcançar o descanso e a glória na Luz.

A questão do combate aos vícios e fraquezas e da promoção das virtudes está implícita nas repetidas lamentações de P.S. a respeito das aflições e dos tormentos impostos pelos regentes. Está implícito na seqüência dos arrependimentos que a alma procura vencer as tentações e superar suas fraquezas, pois, cada vez que sucumbe, isto significa, do ponto de vista espiritual, um tormento.

Portanto, ao pedir ajuda à Luz para livrar-se das aflições dos pecados (os regentes), P.S. indica que está procurando renunciar ao mundo com todos seus atrativos materiais, impelida por seu amor a Deus (a Luz). Aliás, a renúncia ao mundo e a todas suas „matérias" é reiterada diversas vezes nas partes subseqüente do texto, com os diálogos de Jesus com seus discípulos, pois este preceito parece resumir todas as condições para o „discipulado". Portanto, os ensinamentos tradicionais de Jesus dirigidos à personalidade estão também implícitos na narrativa de P.S., que são instruções esotéricas à alma.

O próprio termo „arrependimento" é indicativo de que P.S. está consciente de seus erros e pecados, cometidos em virtude de sua ignorância e fraqueza, tendo ela mostrado a necessária humildade de todos aqueles que buscam, com o coração contrito, o Pai que sempre perdoa. O perdão dos pecados pode ser alcançado através dos mistérios, como é explicado na parte final do texto. Resta saber, no entanto, qual a idéia básica por trás dos „arrependimentos" de Pistis Sophia. É possível que, em parte, Jesus estivesse se

referindo à tradição judaica de arrependimento, que tem o sentido de „retorno"

(*shubh*), ou seja, a volta ao reto relacionamento de obediência ao Senhor Deus e o retorno ao seio do Pai.

Porém, a etimologia da palavra grega traduzida como „arrependimento" parece ser a chave final para a compreensão do processo salvífico. *Metanoia*, o termo grego traduzido como arrependimento, foi mantido no texto copta, pois é um termo complexo expressando também a „mudança da maneira de pensar ou de estado mental". Visto sob este prisma, „arrependimento" significaria mudança de atitude, valores e orientação de vida, devido à mudança mental. Portanto, os „arrependimentos de P.S.

estariam descrevendo a gradativa mudança de estado mental da alma, que passaria a se reorientar das coisas materiais do mundo para os valores espirituais. Este entendimento parece refletir a recomendação de Paulo aos romanos: „E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus" (Rom 12,2). A transformação dos estados mentais como fórmula para a libertação é idêntica aos cânones budistas e comprova o fato de que os ensinamentos esotéricos dos grandes mestres provêm de uma fonte única, a

„Tradição-sabedoria".

A ausência das considerações éticas usuais no processo de libertação de Pistis Sophia poderia ser vista como uma conseqüência da fórmula essencial de sua libertação, ou seja, a orientação interior para a Luz, constante e progressiva, em vez de uma obediência, muitas vezes mecânica, às prescrições externas. Está implícito que a

intenção ou estado de espírito é mais importante do que a própria ação, pois, em última análise, é a mente que governa o ser. Este é o grande desafio de todas as almas, transformar a mente usando a própria mente como instrumento, um desafio digno de Hércules com seus doze trabalhos de simbolismo iniciático. A conseqüência prática para o aspirante é que ele deve buscar sempre, no âmago de seu ser, a orientação do mestre interior. Dali surgirão as normas éticas mais elevadas, livres de oportunismos e racionalizações. Esta obediência ao mestre interior poderia ser expressa como: „Agir com o coração, falar com o coração e pensar com o coração", pois é no coração do homem que mora o Cristo interior.

A idéia de que os „arrependimentos", como mudanças de estado mental, promovem a transformação gradativa do homem, levando-o finalmente à libertação, contrastam com a posição rígida da ortodoxia de que a fé em Jesus é o caminho para a salvação. Este dogma da Igreja, no entanto, pode ser interpretado de maneira esotérica: P.S. é salva por sua inquebrantável fé na Luz do Alto. Ora, como Jesus é o símbolo dos princípios superiores do homem, a fé em Jesus, como um aspecto da Luz do Alto, é o instrumento da salvação da alma.

O fato de o mito apresentar tantos arrependimentos e canções de louvor é indicativo de que o processo evolutivo envolve várias etapas. Podemos imaginar duas vias para o processo de crescimento, ou evolução, usando a imagem da subida de uma elevação, que pode ser por uma ladeira ou por meio de uma escada com degraus. Apesar da realidade ser uma combinação dos dois processos, é importante termos em vista certas descontinuidades inerentes ao mundo das formas.

Vemos na Natureza, que a forma física de certos animais oferece um fator limitativo temporário ao seu crescimento. Assim, a serpente, a tartaruga e outros animais, precisam, periodicamente, descartar sua casca protetora para continuar a crescer.

Com o ser humano dá-se o mesmo, porém num sentido psíquico. As formas, estruturas e instituições que oferecem proteção, segurança e um certo escopo para o progresso, eventualmente esgotam sua utilidade e tornam-se, como um sapato apertado, um fator limitativo para o crescimento subseqüente. Neste caso, torna-se necessário descartar não uma casca exterior, mas sim um condicionamento da mente, efetuando-se, portanto, uma „metanoia", ou mudança de estado mental.

Todo indivíduo sabe, por experiência própria, que estas mudanças interiores, que implicam na transcendência dos condicionamentos mentais, são extremamente difíceis. Daí o processo de libertação da alma da prisão do mundo material ser descrito em todas as tradições como extremamente penoso e laborioso, envolvendo a transformação do homem de dentro para fora.

Vemos, portanto, que os arrependimentos não devem ser tomados no sentido literal, pois, neste caso, qualquer pessoa poderia, no curso de menos de um dia, entoar com o coração contrito os treze arrependimentos e a seguir as onze canções de louvor à Luz e, neste mesmo dia, ser libertado definitivamente do caos, alcançando a glorificação junto ao Pai. O mais provável é que cada arrependimento simbolize uma etapa da renovação da mente no caminho de retorno à Casa do Pai. É

possível que cada arrependimento simbolize uma vida, ou seja, uma encarnação dedicada a superar certas limitações

da matéria ou de estados mentais que obstaculizam a busca da Luz do Alto.

Cada „arrependimento" pode simbolizar, também, uma determinada etapa, ou estado de consciência, na vida do indivíduo. Neste caso, duas ou mais mudanças de estado mental poderiam ser efetuadas numa única encarnação, indicando que, numa vida totalmente voltada à Deus, o indivíduo pode queimar etapas, como parece ser o caso dos grandes místicos. Convém lembrar que, a exemplo de outros ensinamentos esotéricos, não só os nomes, mas também os números usados no texto são simbólicos e não devem ser tomados literalmente. Em a *Voz do Silêncio,xxxiii* é dito que um chela que

„entrou na corrente" numa vida geralmente atinge a meta, ou seja, „alcança a outra margem" em seu sétimo nascimento sucessivo, ou seja, a sua libertação da roda da vida (*samsara)*.

Como a peregrinação da alma fora de seu Lar, ao que tudo indica, dura muitas e muitas vidas, seu destino após a morte, ao fim de cada encarnação, torna-se extremamente importante. Vê-se no texto, Livros II e III, que o destino da alma após a morte é determinado por dois fatores: o grau de retidão em sua encarnação anterior, e o fato de ter recebido ou não mistérios e até que nível de mistério. Fica claro (cap. 103) que mesmo um homem justo, que não cometeu pecados em sua vida, se não tiver recebido algum mistério, passará de forma leve e breve pelas punições dos julgamentos, não podendo, contudo, ser elevado ao Reino-de-Luz. Portanto, não basta o homem ser justo. Para ser admitido no Reino-de-Luz, ele deve antes receber os mistérios. Infelizmente os sacramentos, ou mistérios, instituídos por Jesus,xxxiv foram abafados e distorcidos pela Igreja. É provável, no entanto, que estes mistérios ainda

estejam disponíveis aos verdadeiros buscadores, sendo ministrados por Seres de Luz dos planos interiores ou por seus agentes neste mundo.

OS ARREPENDIMENTOS E AS INICIAÇÕES

As Iniciações,xxxv como são conhecidos os cinco grandes estágios do Caminho da Perfeição, são mencionadas apenas de forma velada em P.S. Percebe-se suas implicações ao longo dos treze arrependimentos e das onze subseqüentes canções de louvor, como passam a ser chamadas as invocações de Pistis Sophia.

Como vimos anteriormente, Pistis Sophia, em seus arrependimentos, clama insistentemente pela ajuda da Luz do Alto, para livrá-la do assédio das paixões (os regentes) que retiram sua luz interior.

Esta demonstração constante de esforço para vencer sua natureza inferior faz com que, após o sexto arrependimento, a Luz perdoe seu pecado de descer ao caos e, após o sétimo arrependimento, Jesus, por sua própria conta (o poder de *Manas*), leve Pistis Sophia a uma região mais espaçosa do caos.

Como o caos simboliza as perturbações e os condicionamentos da mente, esta região mais espaçosa, ou menos conturbada, pode ser uma indicação da Primeira Iniciação.

Mas os „regentes" voltam a assediar Pistis Sophia, oprimindo-a através de suas emanações, e ela continua a proferir seus arrependimentos, pedindo ajuda à Luz, até que seu nono arrependimento é parcialmente aceito, e Jesus é mandado pelo Primeiro Mistério para ajudá-la secretamente a sair do caos. Ela tinha sido iludida pelo Autocentrado (a personalidade egoísta) e cometido seu pecado de descer ao

caos por ignorância.xxxvi A esta altura, Pistis Sophia percebe Jesus como uma Luz que brilha intensamente, numa alusão à abertura de sua visão espiritual, ou expansão de consciência. Estes fatos parecem indicar a Segunda Iniciação.

Mas os desejos e as emoções despertadas pelas coisas materiais continuam. Pistis Sophia profere seu décimo segundo arrependimento, lembrando que havia proferido um para cada eon (subplano) que havia descido de sua região original, e pede perdão por sua transgressão. Com o décimo terceiro arrependimento, pedindo que lhe seja concedido o batismo para o perdão de seus pecados, cumpre-se o tempo para que fosse levada para fora do caos. Jesus, então, por sua própria conta (o poder de *Manas*), envia um poder de luz para retirá-la das regiões profundas e levá-la para as regiões elevadas do caos. O processo iniciático continua até que, com sua décima quarta invocação, um poder de luz é enviado pelo Primeiro Mistério (o poder da Pura Luz de *Buddhi*), que se junta ao poder enviado por Jesus (*Manas*), tornando-se uma efusão de luz que forma uma coroa protetora sobre a cabeça de Pistis Sophia. Esta coroa de luz serve como proteção contra as emanações do Autocentrado e como elemento purificador, destruindo as matérias impuras em Pistis Sophia e lançando-as de volta ao caos.

Esta parece a descrição do inebriante estágio de iluminação alcançado na Terceira Iniciação, um estágio em que ocorrem períodos de consciência da Unidade, alternados com retornos à consciência da dualidade do mundo.

A alegria de Pistis Sophia com seus louvores à Luz passa a ser, então, o tema central de suas canções, em que reitera a determinação de nunca mais se afastar da Luz. Porém, os poderes das trevas não desistem, e novas emanações mais

violentas do Autocentrado (provavelmente o orgulho e a ambição, considerados os principais percalços dos discípulos avançados) juntam-se às outras, que mudam de forma, e voltam a oprimir Pistis Sophia, levando-a de volta ao caos. Em sua décima sexta canção, solicitando a ajuda que lhe havia sido prometida, é salva mais uma vez pela „efusão de luz", com a ajuda de Gabriel e Miguel. Jesus (o poder de *Buddhi-Manas*) também desce ao caos para ajudar Pistis Sophia, fazendo-a pisar na principal emanação malévola do Autocentrado, a serpente com sete cabeças. Este ritual simbólico expressa o fato de que, a partir deste momento, toda matéria destas emanações é esmagada, para que não reste nenhuma semente, evitando que voltem a se manifestar.

Esta parece uma referência ao processo da Quarta Iniciação, que liberta o discípulo do mundo da matéria, tornando-o um Arhatxxxvii.

Prosseguem as canções de louvor de Pistis Sophia, e após a vigésima primeira canção, Jesus a conduz a uma região logo abaixo do décimo terceiro eon, sua região de origem, aguardando o término dos Três Tempos, quando as portas da esquerda do Tesouro de Luz (mental abstrato) serão abertas diretamente para a região da esquerda do Plano Psíquico (mental concreto), numa provável referência à construção do *antakharana* referido anteriormente, a ponte entre estes dois níveis que possibilita uma consciência permanente da Luz (ou da Unidade). De acordo com Blavatsky, os Três Tempos são as Três Rondas ou passagens da onda da Vida que faltam para completar o processo evolutivo, pois atualmente estamos na Quarta Ronda. Do ponto de vista mítico, o término dos Três Tempos poderia ser interpretado como a libertação da limitação do passado, presente e futuro, que ocorre quando o Adepto alcança a consciência do eterno.

Com a vigésima segunda canção, Jesus alerta Pistis Sophia para o fato de que o Autocentrado e Adamas estão furiosos com ela e vão procurar atormentá-la e levá-la ao caos. Então, surpreendentemente, o Salvador retira-se para o Alto, abandonando-a. E, como previsto, Adamas envia duas emanações tenebrosas e violentas (provavelmente a depressão e o desespero) para atormentá-la e levá-la ao caos. Esta parece ser a descrição do que os místicos chamam de *A Noite Escura da Almaxxxviii*, em que o discípulo sente-se sozinho e abandonado por tudo e por todos, passando invariavelmente por um processo de depressão, chegando até mesmo ao desespero, até renunciar aos últimos laços que ainda existem com seu sentimento de „eu", antes da união final e permanente com a Luz.

Pistis Sophia invoca mais uma vez a Luz em sua vigésima quarta canção e, finalmente, chega o momento de ser levada permanentemente para o décimo terceiro eon, sua região de origem. Pode parecer um anticlimax, um mero retorno à sua região original no Plano psíquico e não a planos mais elevados. Porém, a narrativa dá a indicação de que Pistis Sophia alcançou sua libertação final quando Jesus se encontrava no Monte das Oliveiras com seus discípulos, sendo alçado ao Alto com suas Vestes de Luz. Temos, portanto, o relato da Quinta Iniciação, tanto do ponto de vista da individualidade glorificada, Jesus, como de seu par, a personalidade finalmente livre da prisão do mundo, Pistis Sophia.

Uma das principais lições que a estória de Pistis Sophia nos ensina, através da imagem do progresso da alma ao longo de cinco grandes Iniciações, é que o ser humano estará sujeito ao assédio das paixões, desejos e emoções enquanto estiver vivendo na terra num corpo físico. Mesmo o iniciado não está imune a esta batalha constante, pois que, após

cada uma das quatro primeiras iniciações, Pistis Sophia continua no caos, ou seja, continua sujeita às influências de seus princípios inferiores provocando perturbações mentais. As emanações do Autocentrado (a personalidade egoísta) e de Adamas (o regente das emoções e dos desejos) mudam de forma, mas continuam a afligir a alma. Isto é, uma vez vencidas as paixões e desejos mais grosseiros, temos que lutar contra estas energias, que se apresentam em formas cada vez mais sutis, até a última batalha antes da derradeira Iniciação, que transforma o homem num Mestre, Instrutor ou Adepto, senhor de todos os princípios inferiores.

OUTRAS INSTRUÇÕES AOS DISCÍPULOS

Após o término da estória de Pistis Sophia, Jesus continua a instrução de seus discípulos, discorrendo mais detalhadamente sobre as diferentes regiões dos vários planos de manifestação.

Quando Jesus descreve os Mistérios do Inefável os discípulos ficam confusos com a profundidade do assunto. Realmente a esta altura uma profusão de Mistérios são descritos.

Fica bastante claro o ensinamento de Jesus de que as almas reencarnam. Ele afirma que, após a morte do corpo, as almas passam por julgamentos e geralmente por castigos, ao fim dos quais bebem uma „poção do esquecimento", limpando de sua memória todos os eventos de sua vida passada, bem como os castigos ou a bem-aventurança fora do corpo físico. Em seguida, voltam a renascer num outro corpo condizente com seus merecimentos, fruto das vidas anteriores, numa alusão direta à lei de causa e efeito, ou do carma, a Lei da Justiça Divina retributiva, que nos planos inferiores é administrada pelos agentes da Providência.

O conceito da „poção do esquecimento" é comum a outras tradições esotéricas. Nas sepulturas de diversos iniciados nos Mistérios Órficos foram encontrados poemas, escritos em folhas de ouro, com mensagens alertando o iniciado de que no Hades (região dos mortos) iria encontrar duas fontes: a do Esquecimento e a da Memória.xxxix A grande maioria dos homens bebia da primeira fonte e acabava voltando ao mundo da encarnação totalmente esquecida de sua experiência anterior nos dois lados do véu. Os poucos iniciados que soubessem e pudessem beber da fonte da Memória alcançariam a imortalidade. Esta condição referia-se à continuidade de consciência que acompanharia o homem, não importa o corpo que usasse nem o mundo em que estivesse.

Nos Livros IV, V e VI, é apresentada uma vívida descrição dos castigos pelos diferentes pecados.

Isto deve nos alertar para a conclusão inevitável do resultado de nossas ações. Apesar das imagens de

„rios de fogo" e outros instrumentos de castigo terríveis, é óbvio que, na ausência de um corpo físico, o sofrimento é inteiramente psíquico, mas nem por isto menor, pois as emoções são sentidas muito mais intensamente („nove vezes mais") quando não existe mais um corpo físico para „abrandar" suas vibrações. O lugar destas tribulações, equivalente ao Inferno da tradição ortodoxa, é subdividido em três regiões: Orcus, ou Amente, Caos e Escuridão Exterior. De todas a pior é a Escuridão Exterior, onde a alma experimenta exatamente o oposto da Bem-aventurança da Unidade, pois os atos de extrema maldade, crueldade deliberada e abominação (magia negra), motivados pelo egoísmo, são punidos com um estado de total solidão na Escuridão Exterior, num lugar apertado, sujeito aos tormentos extremos de fogo abrasador e frio cristalizador.

Felizmente, o suplício em todos estes estados infernais não é eterno, mas limitado, ainda que a punição dos pecados hediondos possa durar todo um ciclo evolutivo.

Jesus tempera estas descrições das punições dos pecados após a morte com ensinamentos sobre os batismos, ou mistérios, que perdoam os pecados, e instrui seus discípulos sobre as condições em que estes mistérios redentores, ou iniciações, podem ser concedidos. A condição básica é a divina insatisfação que leva ao anseio pela verdade, pela luz ou pela salvação. Isto além de ter sido indicado por Jesus no texto esotérico de P.S., é também mencionado em seus ensinamentos públicos, nos seguintes termos: „Aquele que busca acha, e àquele que bate se lhe abrirá" (Lc 11,9-10 e Ev. de Tomé, 94). E Jesus garante que isto ocorrerá, ao dizer: „Porque não há coisa oculta que não venha a manifestar-se, nem escondida que não se saiba e venha a luz" (Lc 8,17).

Um dos ensinamentos mais reveladores da natureza divina e humana contidos em P.S. e na Bíblia, extrai-se da compreensão da expressão EU SOU, usada inúmeras vezes por Jesus (“Eu Sou este mistério,” “Eu Sou o caminho, a verdade e a vida,” etc.) Para os cristãos ortodoxos, esta expressão é uma confirmação da natureza divina de Jesus. Sabendo-se, porém, que Jesus representa a natureza superior em todo homem, a Pura Luz do Cristo, pode-se concluir que EU SOU se refere a um aspecto da natureza divina simbolizada por Jesus. Destarte, quando Jesus diz de forma simbólica: “Eu Sou este mistério,” está, de fato, expressando a verdade impessoal de que “EU SOU é este mistério.”

As verdades fundamentais costumam ser expressadas de forma sintética, e este é o caso da realidade por trás de EU SOU, duas breves palavras que resumem a natureza do Divino. O homem comum, vivendo na consciência da

separatividade, sempre procura diferenciar-se dos outros, qualificando-se. Assim, diz: eu sou fulano, eu sou brasileiro, eu sou católico, eu sou alto, etc. A Deidade, como é a Totalidade, diz simplesmente EU SOU, englobando tudo o que é no mundo, visível e invisível, sem nenhum qualificativo restritivo.

EU SOU, portanto, resume aqueles aspectos da natureza divina que chamamos de Onipresença, Oniciência e Onipotência. Neste sentido, EU SOU é o tempo presente para todo o sempre,xl a consciência do eterno e glorioso AGORA que expressa a Onipresença. Este atributo Divino é geralmente concebido como referindo-se a simultânea presença de Deus em todos os pontos do Espaço. Porém, é mais do que isto. É também a presença *simultânea* de Deus ao longo do Tempo, este ilusório reflexo do eterno Agora. Outrossim, Aquele, ou Aquilo, que é tudo, também Sabe e Pode tudo, ou seja, os atributos da Onipresença, Oniciência e Onipotência estão inexoravelmente interligados.

De acordo com o postulado da tradição hermética, de que assim como em cima também é embaixo, os atributos divinos também devem ser expressos pelo homem. Realmente, quando o homem alcança a consciência da Unidade, simbolizada pela frase de Jesus “Eu e o Pai somos Um,” e torna-se um Iniciado, também viverá no eterno AGORA, livre do sentimento de culpa pelos erros do passado e das ansiedades e incertezas do futuro. O homem que pode elevar sua consciência ao nível do Divino em si, também pode exercer, pela Vontade, o domínio sobre todas as coisas e sintonizar-se com o Divino em todas as coisas, tornando-se, assim, Oniciente.

É possível que Jesus, como profundo conhecedor da Cabala, tenha obtido desta fonte seu conhecimento sobre a natureza de EU SOU. Segundo a tradição esotérica do judaismo, esta

expressão resume a essência última do que o homem pode conhecer da natureza divina, como resume um renomado cabalista: “Deus está além da existência. Deus é *Ayin* - Nada. Do nada surge *En Sof*, ou o Todo Infinito. Do Infinito surge a Vontade de *En Sof*, chamada *En Sof Aur*, a Luz. Uma analogia para a primeira manifestação da Vontade da Existência não manifesta é um ponto sem dimensão. Este ponto de Existência Manifesta é a fonte de tudo o que era, é e será. Ele é EU SOU e na Cabala é chamado de Primeira Coroa, o Ancião.”xli E mais adiante este mesmo autor diz: “O Ato de Criação ocorre, nos é dito, quando é proferida uma palavra. Esta Palavra é o primeiro de todos os sons ouvidos na Existência Manifesta. Ela é o Nome supremo de Deus: EHYEH - EU SOU.”xlii Em P.S. é apresentada a interpretação de várias sentenças proferidas por Jesus durante a sua pregação pública. Dentre estas destaca-se uma sobre os princípios do homem e como atuam ao longo da vida. Nesta máxima Jesus expressa-se da seguinte maneira, conforme registrado pelo apóstolo Lucas: „Pensais que vim para estabelecer a paz sobre a Terra? Não, eu vos digo, mas a divisão. Pois doravante, numa casa com cinco pessoas, estarão divididas três contra duas e duas contra três." (Lc 12,51-52) A casa é o ser humano. Jesus, a Pura-Luz, promove a divisão. De um lado ficam a alma e o poder (uma alusão ao princípio espiritual) e do outro, o falso espírito, o destino e o corpo que buscam manter o ser humano prisioneiro do mundo material. O falso espírito é apresentado como o grande inimigo da alma. Este falso espírito é criado pelos regentes, à imagem da alma (daí o termo falso espírito), mas contém a substância destes regentes, que é condicionada ao pecado. Este falso espírito é o corpo astral, que acompanha a alma desde o momento da concepção, por toda a vida do indivíduo, até seu julgamento após a morte do corpo físico. Sua única função é atormentar a alma, procurando por todos os meios levá-la ao pecado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Pistis Sophia encontramos um verdadeiro tesouro de ensinamentos esotéricos legados diretamente pelo Mestre aos seus discípulos de todos os tempos e não somente àqueles que o acompanharam em sua vida terrena na Palestina.

O mito de Sophia oferece o esquema cosmológico mais completo e sistemático de toda a tradição ocidental. Ao desvelar os diferentes níveis da manifestação, com os correspondentes princípios que atuam no homem, e os arrependimentos ou mudanças de estado mental da alma (Pistis Sophia), buscando ardentemente libertar-se do caos, Jesus procura despertar os homens para a realidade de sua origem divina e de sua missão na Terra. Visto sob este ângulo, o texto poderia ser interpretado como um „mapa do tesouro". Ele indica a rota da grande jornada, assinala os principais acidentes geográficos do caminho e deixa implícito as precauções a serem tomadas. Este mapa, de pouco uso para o simples leitor desatento, é, no entanto, extremamente precioso para o estudante abnegado que já se engajou na viagem. Este andarilho, porém, deverá traduzir os marcos simbólicos em termos práticos para seu próprio uso.

Em vez dos tradicionais ensinamentos éticos das *logia*, o manuscrito de P.S. indica que o retorno à Casa do Pai pode ser efetuado de forma segura e progressiva, através da transformação da mente, tornando-se o homem, então, seu próprio mestre e juiz. O Salvador, como pai sábio e amoroso, procura preparar seus filhos para enfrentar o mundo por sua própria conta, oferecendo os meios para que prescindam progressivamente das prescrições e dos instrutores externos, buscando e confiando cada vez mais no mestre interior,

simbolizado, no mito, pelo próprio Jesus, que representa os princípios superiores do homem, o Cristo interior.

Ao longo da estória de Sophia e no restante da obra, existem inúmeros ensinamentos que podem tocar a alma de cada um dos leitores de forma diferente. Neste sentido o texto é mágico. Está destinado a atuar em cada coração sincero que, transbordando de amor para com todos os seres, procura com afinco e determinação as chaves que lhe permitirão abrir as Portas do Reino dos Céus.

As chaves, no entanto, só podem abrir as Portas para aquele que as descobrem e utilizam-nas.

Portanto, por mais que esta introdução e as notas de rodapé possam facilitar a leitura e interpretação do texto, o processo alquímico transformador é, como sempre foi, eminentemente pessoal.

Todos devem trilhar o Caminho com seus próprios pés, descobrindo o sentido último das mensagens do Mestre, decifrando o significado que cada uma tem para si mesmo, pois a mensagem fala diferentemente a cada um, em consonância com o estado evolutivo em que se encontra. Uma vez vencida a etapa do entendimento, o buscador deve então aplicar aquele ensinamento em sua própria vida, tornando-se, assim, progressivamente perfeito como o „Pai que está nos Céus é perfeito". Apesar disto nos parecer impossível à primeira vista, na verdade, é uma tarefa pré-ordenada desde o Princípio.

Ela está ao alcance de todos, porque os Céus, onde habita o Pai, encontram-se não só no Alto, mas também lá dentro, bem no âmago do coração de cada um de nós. Assim, à medida que vamos desvelando os véus de ilusão que cobrem o divino em nós, tornamos cada vez mais fácil para o

Pai, através de seu Filho bem amado, o Cristo interior, manifestar a pujança de sua Força, a profundidade de sua Sabedoria e a doçura de seu Amor, num ambiente de crescente harmonia e bem-aventurança, com paz a todos os seres.

Raul Branco, Brasília, 1997

i H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta,* (S.P., Editora Pensamento), Vol. IV, pg. 139-40.

ii H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, op.cit., Vol. IV, pg. 136.

iii Para uma interpretação esotérica extremamente esclarecedora desta parábola, vide: G. Hodson, *Hidden Wisdom in the Holy Bible* (Adyar, Índia: The Theosophical Publishing House, 1968), Vol. I, pg. 197-243.

iv O texto deste Hino em português, com a sua interpretação, é apresentado no periódico *TheoSophia*, nº 3, de 1997, editado pela Sociedade Teosófica.

v Clemente de Alexandria, *On the Salvation of the Rich Man 5,* em A. Roberts and J. Donaldson, eds., *The Ante-Nicene Fathers: Translations of the Writings of the Fathers down to a.D. 325*, Reprinted (Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1981), vol. II, pg 592

vi J. Dorese, *The Secret Books of the Egyptian Gnostics*, (N.Y.: The Viking Press, 1960), pg. 64.

vii C. H. King, *Gnostics and their Remains*, (publicado pela primeira vez em 1864), Minneapolis, Wizards Bookshelf, 1973, pg. 13.

viii Os dados sobre a história do códice e sua apresentação foram extraidos dos livros de MacDermot e Mead.

ix Vários indícios nos levam a crer que este período é mais provável do que a menção de 11 anos do texto, dentre estes a idade já avançada da maioria dos discípulos, que após este período de instrução engajaram-se ativamente na disseminação da

„Boa Nova".

x S.A. Hoeller, *Jung e os Evangelhos Perdidos,* (S.P., Cultrix), pg. 107-112.

xi *O Livro de Tomé, o Contendor*, em J. Robinson, ed., *The Nag Hammadi Library,* (S.F.: Harper San Francisco, 1980), pg.

201.

xii Vide Hippolitus, *Philosophumena or the refutation of all heresies*, tr. F. Legge (London), pg. 107.

xiii A fé tem inúmeras implicações. Um estudioso sugere que: “A fé pertence à mente contemplativa; ela abraça e inclui. Ela é portanto da natureza da Grande Mãe, como a Vida e a substância da Cruz.” GRS Mead, *The Gnostic Crucifixion* (The Alexandrian Press, 1992), pg. 16.

xiv João 3,14-18.

xv I Cor 13,1-13.

xvi *Vide, Karl Luckert, Egyptian Light and Hebrew Fire,* (State University of New York Press, 1991), pg. 45 - 59.

xvii É possível que IEU seja uma palavra de origem egípcia, em que Ie ou Iu significava „o que há de vir".

xviii Outra interpretação possível é que, segundo a antiga tradição camita (antigo Egito), os 7 Améns representariam os 7

Raios, ou 7 princípios divinos, que se expressariam por meio dos 3 Améns ou 3 princípos humanos, perfazendo o número 10, a totalidade do Pleroma.

xix O leão, como rei da selva, é um símbolo agressivo apropriado para o egoísmo do eu inferior, que exige primazia em sua interação com o mundo.

xx A árvore é um símbolo divinamente inspirado para representar a humanidade. Estas „árvores" espirituais, no entanto, posicionam-se ao contrário das árvores na Terra: têm suas raízes voltadas para o alto, para a fonte de luz e vida, e dão seus frutos em baixo.

xxi As Raças-raízes são os grandes grupos humanos que vivem ao longo das eras, manifestando progressivamente aspectos básicos do ser humano em evolução. Atualmente estamos na 5ª Raça-raiz, cujos primórdios, de acordo com a Tradição-Sabedoria, remontam a mais de um milhão de anos. É dito que o objetivo final do Plano Divino para a Humanidade só será alcançado ao final da Sétima Raça Raiz.

xxii Manu é uma palavra sanscrita, que representa o ser primordial criador de cada grande Raça-raiz; na vedanta corresponde ao grande legislador, o ser auto-existente, portanto, uma emanação do Logos e o progenitor da Humanidade; neste sentido, Ieu seria o Adão-Cadmon, o Primeiro Homem da Terra.

xxiii Vide D. Fideler, *Jesus Christ, Sun of God* (Illinois, USA, Theosophical Publishing House, 1993), pg. 38.

xxiv Clemente de Alexandria, *Exhortation to the Greeks 10* , em *Ante-Nicene Fathers,* op.cit., vol. II, pg. 190

xxv A correspondência numerológica ou gemátrica do conceito do Primeiro Mistério ser também o Último é apresentada como nota de rodapé ao texto e no Anexo 3.

xxvi Neste particular, o texto oferece um paralelo com outras tradições esotéricas. Parte da literatura hermética, por exemplo, é apresentada como discursos reveladores entre Hermes Trismegistos, o „pai espiritual", e Tat, seu „filho", o aspirante iniciado. Hermes e Tat, assim como Jesus e Pistis Sophia, simbolizam a natureza superior e a inferior do homem, respectivamente. O mesmo ocorre no *Bhagavad Gita,* com Krishna instruindo Arjuna.

xxvii Vide D. Fideler, op.cit., pg. 29.

xxviii Vide D. Fideler, op.cit., pg. 35.

xxix Vide F. B. Bond e T. S. Lea, *Gematria: A Preliminary Investigation of the Cabala Contained in the Coptic Gnostic Books and of a similar Gematria in the Greek Text of the New Testament.* Oxford: Basil Blackwell, 1917. Reprint. London, *Research into Lost Knowledge Organization*, 1977, e também S. Lea and B. Bond, *Materials for the Study of the Apostolic Gnosis.* Part I e Part II. Oxford: Basil Blackwell, 1919 e 1922. Reprint. London: *Research into Lost Knowledge Organization*, 1979 e 1985.

xxx A gematria oferece, também, um terreno fértil para o estudo do significado mais profundo dos textos bíblicos para os quais exite uma versão grega, em especial daqueles reconhecidamente esotéricos, como o Evangelho de João e o Apocalipse.

As conquistas da informática permitem que, com um programa especial de correspondência alfanumérica, o valor gemátrico de palavras e expressões possa ser obtido instantaneamente e comparado com outros existentes no texto.

xxxi Vide texto intitulado “Melchizedek”, um dos mais mal preservados da famosa Biblioteca de Nag Hammadi, em *The Nag Hammadi Library in English* (N.Y., Harper Collins, 1990), pg. 438-444.

xxxii Vide A.E. Powell, *O Corpo Causal e o Ego,* (S.P., Pensamento), caps. 19-21.

xxxiii H.P. Blavatsky, *Voz do Silêncio,* (S.P., Editora Pensamento), pg. 68.

xxxiv O *Evangelho de Filipe* contém uma apresentação profunda dos Sacramentos de Jesus, usando uma terminologia diferente da de P.S., que parece ter sido, no entanto, a fonte de inspiração básica para a versão dos Sacramentos instituídos pela Igreja. Uma cópia deste texto foi encontrada na biblioteca de Nag Hammadi. Pode ser encontrado em português em *Apócrifos, os Proscritos da Bíblia,* (S.P.: Mercúrio, 1995), Vol. II.

xxxv A iniciação, ou admissão aos Mistérios sagrados, era ministrada pelos Hierofantes das antigas tradições nos grandes Templos do passado e ainda é praticada nas grandes tradições. Atualmente, a única iniciação conhecida do público é a dos rituais maçônicos. Pouco se sabe sobre os Grandes Mistérios, exceto que seus Iniciados passam por expansões de consciência que promovem a transformação do ser, trazendo-os cada vez mais próximo do ideal de perfeição.

xxxvi *Avidya*, ou ignorância, tem um papel central no budismo como causa do sofrimento, o primeiro dos cinco *kleshas.*

xxxvii Termo sânscrito, que quer dizer „aquele que merece as honras divinas", usado tanto pelos hinduístas como pelos budistas para designar os homens sagrados que se emanciparam da necessidade de renascer, que podem entrar e permanecer no Nirvana até o final do *Kalpa*, como o fazem os *Pratyeka-Budas*, ou continuar reencarnando no mundo para ajudar compassivamente a humanidade sofredora, até alcançarem a Iniciação final que os torna „Homens Perfeitos".

xxxviii Vide E. Underhill, *Mysticism. The Nature and Development of Spiritual Consciousness,* (Oxford, England: One World Publications, 1993), pp. 380-412.

xxxix Vide D. Fideler, op.cit., pg. 318

xl Vide, *Christ in You*, op.cit., pg. 100.

xli Halevi, Z"ev Ben Shimon, *the way of KABBALAH,* (New York, Samuel Wiser, 1976), pg. 27.

xlii Halevi, op.cit., pg. 216.